

AUXILIAR DO CHEFE-ESCUA

GUIA DOS CHEFES
SOBRE A PEDAGOGIA ESCUTISTA

por

LORDE BADEN-POWELL DE GILWELL
Fundador do Escutismo

Tradução Portuguesa do

Dr. José Francisco dos Santos
Chefe Nacional Adjunto do Corpo Nacional de Escutas



Publicado por «Edições Flor de Lis»

para

Associação dos Escuteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas

Outras publicações de «EDIÇÕES FLOR DE LIS»:

Escutismo para Rapazes, 3.ª edição (1968)
Sistema de Patrulhas, 2.ª edição (1962)
120 Jogos para Exploradores (1955)
Como se dirige um Grupo, 2.ª edição (1965)
Manual do Lobito, 2.ª edição (1965)
A Caminho do Triunfo, (1959)
Normas de Acampamento (1960)
Livro de 1.ª classe, 2.ª edição (1967)
Livro de 2.ª classe (1966)
Livro de 3.ª classe (1967)

Desenho da capa e ilustrações de Lorde Baden-Powell de Gilwell

CONCLUSÃO APROVADA PELA CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL ESCUTISTA BIENAL REUNIDA
EM COPENHAGUE EM AGOSTO DE 1924

«A Conferência Internacional do Escutismo declara que o Escutismo é obra de carácter Nacional, Internacional e Universal, e o seu objectivo é dotar cada uma das nações, e todo o mundo em geral, de jovens que sejam física, moral e espiritualmente fortes.

É Nacional, porque visa, por meio de organismos nacionais, a dotar cada nação de cidadãos úteis e válidos.

É Internacional, visto que não reconhece fronteiras às boas relações entre escuteiros.

É Universal, porquanto procura insistentemente inculcar o sentimento de fraternidade universal aos escuteiros de todas as nações, classes ou crenças. O Escutismo não pretende de forma nenhuma enfraquecer, mas antes fortalecer, as crenças religiosas individuais. A Lei do escuteiro requer que este pratique real e sinceramente a sua religião, e a orientação da Obra proíbe toda a espécie de proselitismo em reuniões mistas».

PREÂMBULO

Não vos assusteis com a extensão deste livro.

O Escutismo não é ciência abstrusa ou difícil: é antes um jogo divertido, se o encararmos como deve ser. Ao mesmo tempo é educativo, e, como o perdão, tende a beneficiar tanto quem o concede como quem o recebe.

O termo «Escutismo» acabou por significar um sistema de preparação para a cidadania, por meio de jogos, para rapazes e raparigas.

As raparigas são o que mais importa, porque quando as mães da Nação são boas cidadãs e mulheres de carácter, hão-de procurar que os filhos não claudiquem nestes pontos. Na situação actual, a preparação é precisa para ambos os sexos, e é transmitida pelas associações de Escutas e Guias (Escuteiras). Os princípios são os mesmos para ambas. Só nos pormenores é que diferem.

A. S. M. Hutchinson sugere em uma das suas novelas que o que a mocidade precisa é Ambiente. Pois bem, nós temos no Escutismo e no Guidismo um Ambiente a dar-lhe: é o Ambiente que Deus criou para toda a gente — o ar livre, felicidade e utilidade.

Efectivamente, o Chefe Escuta, ao introduzir nele o rapaz, participa incidentalmente daquela mesma felicidade e utilidade. Encontra-se a fazer obra maior do que possivelmente previra, ao assumir a função, pois está a prestar um Serviço valioso para a humanidade e para Deus.

Este livro será para vós uma desilusão, se esperais encontrar nele uma série determinada de alpondras para vosso completo esclarecimento.

Eu apenas me proponho indicar, como sugestão, a orientação que achámos mais proveitosa, e as razões desse resultado.

As sugestões executam-se com tanto melhor vontade quanto melhor compreende o seu objectivo aquele que as executa.

Portanto a maior parte destas páginas occupar-se-á dos objectivos dos escalões mais do que dos pormenores dos próprios escalões. Estes podem ser completados pelo aprendiz conforme o seu próprio engenho e de harmonia com as condições locais em que trabalha.

Baden Powell e Gilwell

INTRODUÇÃO

Auxiliar do Chefe-Escuta
Edição da Fraternidade Mundial

Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, Baden-Powell elaborou e dirigiu um curso para Chefes-Escutas. Para o fazer escreveu uma série de notas sobre a educação dos rapazes por meio do Escutismo. Depois da guerra foi-lhe sugerido que estas notas poderiam publicar-se em forma de livro. Fez-lhes uma revisão em vista da experiência ulteriormente adquirida — pois que, sob muitos aspectos, a guerra havia posto à prova a preparação Escutista — e o Auxiliar do Chefe-Escuta foi publicado em 1920.

No mesmo ano realizou-se em Londres o Primeiro Jambori Mundial Escutista para se fundar e expandir a Fraternidade Mundial de Escutas. Nesse Jambori, Baden-Powell foi espontaneamente proclamado Chefe Escuta Mundial, honra que ele teve em maior apreço do que qualquer outra que recebeu.

Uma edição revista do Auxiliar do Chefe-Escuta publicou-se dez anos mais tarde. Foi meu privilégio colaborar na preparação desta edição revista. O Chefe Mundial pediu-me que colaborasse com ele, visto que, como Chefe de Campo do Parque de Gilwell, era função e prazer meu seguir e expor as sugestões e conselhos contidos neste livro, na preparação prática de Chefes-Escutas. Acrescentou-se então um estreito elo entre o Fundador e o Parque de Gilwell. Em 1929, na celebração da maioridade do Escutismo e realização do Terceiro Jambori Escutista Mundial, o patriato do Reino Unido foi conferido ao Chefe Mundial. Por conselho da Comissão Internacional dos Escutas, ele adoptou o título de Lord Baden-Powell of Gilwell, visto que o Parque de Gilwell estava reconhecido

como Centro Internacional de Preparação Escutista e os Membros da Comissão, assim como ele próprio, desejavam acentuar este reconhecimento Real da Fraternidade Mundial dos Escutas.

As secções principais de ambas as edições baseavam-se num esquema elaborado pelo Chefe-Escuta Mor em que se analisavam as qualidades que constituem o civismo, e as práticas escutistas que as inculcam. Conforme era seu hábito, Baden-Powell continuou a rever esta sua obra, procurando torná-la tão compreensível quanto possível. Um dos resultados desta revisão continuada foi o esquema muito simplificado em que se analisa o método de Preparação escutista que ele incluiu na sua autobiografia, Lições da Universidade da Vida.

A Edição da Fraternidade Mundial do Auxiliar do Chefe-Escuta obedece a esta última análise. O material das edições anteriores foi levemente reagrupado para se conformar com ela, e algumas lacunas foram preenchidas com passos extraídos doutros escritos de Baden-Powell. Em vista do objectivo desta nova edição — elevar o livro do plano nacional para o plano internacional — foram eliminadas as referências feitas a práticas educativas inglesas dominantes na terceira década deste século, mas que já não são típicas ou relevantes. O trabalho editorial foi competentíssimamente realizado por William Hillcourt, do Corpo Editorial dos Escutas da América, que no seu labor escutista tem seguido assídua e orgulhosamente nas pegadas de B.-P.

Deve-se a Lady Baden-Powell uma palavra de especial reconhecimento por ter autorizado e apoiado a preparação desta edição da Fraternidade Mundial.

É firme crença minha que o Escutismo de todo o mundo precisa de regressar à primitiva ideia simples de encarar a obra como jogo que ajudará o rapaz a desenvolver-se com o mínimo possível de fiscalização adulta. Se nós, que escolhemos a elevada

junção de sermos seus orientadores, nos propusermos na nossa vida diária e em todas as nossas actividades escutistas LEMBRARMO-NOS DO RAPAZ, realizaremos melhor a nossa missão e melhores resultados alcançaremos. Neste ponto, a Fraternidade Escutista é poderosa força para promover a boa vontade e compreensão, não só nacionais como também internacionais.

É nesta crença que esta edição do Auxiliar do Chefe-Escuta foi preparada. Temos a esperança de que ela contribuirá para manter bem vivo o verdadeiro Espírito Escutista, tal como o Fundador o entendia. É nosso desejo que auxilie os Chefes-Escutas de todo o Mundo a compreenderem o objectivo e o método da nossa Obra.

Julho, 1944
Londres



J. S. WILSON
Director Honorário do Secretariado
Internacional dos Escutas

PARTE I

MODO DE EDUCAR O RAPAZ

○ CHEFE-ESCUA

○ RAPAZ

○ ESCUTISMO



O Chefe-Escuta guia o rapaz como irmão mais velho

O CHEFE-ESCUA

Como palavra preliminar de consolação a futuros Chefes-Escutas gostaria de contraditar o errado conceito corrente de que, para ser Chefe-Escuta eficaz, o adulto precisa de ser um sábio — um sabido. Nada disso.

Tem de ser apenas um homem-rapaz, isto é:

1. Precisa de estar animado do espírito do rapaz; e precisa de ser capaz de se colocar ao nível dos rapazes, em primeiro lugar.
2. Precisa de compreender as necessidades, modos de ver e aspirações das diferentes idades da juventude.
3. Precisa de tratar mais com o rapaz individualmente do que com a massa.
4. Precisa depois de promover o espírito de corpo entre os seus rapazes, para alcançar os melhores resultados.

✕ Em relação ao *primeiro* ponto, o Chefe-Escuta precisa de não ser mestre-escola nem oficial comandante, nem cura, nem instrutor. O que se precisa é apenas a capacidade de apreciar o ar livre, partilhar das aspirações dos rapazes, e encontrar outros homens que lhes queiram dar instrução nos diversos ramos requeridos, quer seja sinalização ou desenho, quer o estudo da natureza ou pioneirismo.

Precisa de se colocar no lugar de irmão mais velho, isto é, ver as coisas do ponto de vista do rapaz e orientá-lo, guiá-lo e entusiasamá-lo no devido sentido. Como verdadeiro irmão mais velho precisa de compreender as tradições da família e procurar que estas se mantenham, ainda que seja necessária grande firmeza. E nada mais. A obra é fraternidade alegre, tanto mais alegre quanto é certo que no jogo de Escutismo se está a realizar um grande benefício para os outros e a combater o desenvolvimento do egoísmo.

Quanto ao *segundo* ponto, os vários manuais existentes tratam das fases sucessivas da vida do adolescente.

Em *terceiro* lugar, a função do Chefe-Escuta — que é muito interessante — é puxar por cada rapaz, descobrir-lhe as aptidões, e depois aproveitar-se do que nele há de bom e desenvolvê-lo, com exclusão do mal. Há cinco por cento de bem até no pior dos caracteres. O que é interessante é descobri-lo, e depois desenvolvê-lo até atingir 80 ou 90 por cento. Isto é educação, em vez de instrução, do espírito juvenil.

Quarto. Na educação escutista o sistema de patrulhas ou de bandos é a aplicação ao conjunto da instrução individual, a qual põe em prática tudo quanto o rapaz aprendeu.

O Sistema de Patrulhas tem também grande valor para a formação do carácter, se for devidamente aplicado. Por ele cada um dos rapazes é levado a ver que tem responsabilidade determinada no bem do grupo. Por meio dele o Chefe-Escuta pode transmitir, não apenas o seu ensino, mas também as suas ideias quanto às aspirações morais dos Escutas. Por meio dele os próprios Escutas aprendem gradualmente que têm direito a intervir naquilo que o seu grupo realiza. É o sistema de patrulhas que faz do Grupo, e de todo o Escutismo, por assim dizer, um verdadeiro esforço cooperativo.

● A Função do Chefe-Escuta

O êxito na educação do rapaz depende em grande parte do próprio *exemplo pessoal* do Chefe-Escuta. É fácil vir a ser o herói, bem como o irmão mais velho do rapaz. Nós temos, ao tornarmo-nos adultos, a tendência para esquecer o fundo de culto dos heróis que existe no rapaz.

O Chefe-Escuta que é o herói dos seus rapazes possui uma poderosa alavanca para o desenvolvimento destes, mas ao mesmo tempo assume uma grande responsabilidade. Eles não tardam a descobrir a mais leve característica sua, quer seja virtude quer defeito. Os seus modos tornam-se os deles, a cortesia que manifesta, as suas irritações, a sua felicidade irradiante, ou a sua carranca impaciente, a sua auto-disciplina voluntária ou os seus lapsos morais esporádicos — são todos não só notados, mas adoptados pelos seus sequazes.

Por isso, para conseguir que eles cumpram a Lei do Escuta e tudo quanto ela implica, o próprio Chefe-Escuta deve observar escrupulosamente os seus preceitos em todos os actos da sua vida. Os seus rapazes segui-lo-ão quase sem necessidade duma palavra de ensino.

A tarefa do Chefe-Escuta é como o *golfe*, ou a ceifa, ou a pesca à mosca. Quem se apressa não chega ao fim, pelo menos não chega com o resultado que se obtém com um andamento alegre e calmo. Mas é preciso andar. De nada serve estar parado. Não há alternativa; é progresso ou inércia. Avancemos — e com o sorriso no rosto.

● Fidelidade ao Escutismo

Lembre-se o Chefe-Escuta de que, além dos seus deveres para com os rapazes, tem também um dever para com o Escutismo em geral. O nosso objectivo de transformar os rapazes em bons cidadãos é em parte para benefício do país, para que este possua um conjunto de cidadãos viris e merecedores de confiança, cuja delicadeza e sentido de lealdade o conservará unido internamente e em paz com os seus vizinhos externos.

Incumbidos da missão de inculcar a abnegação e a disciplina pela prática das duas, os Chefes-Escutas têm necessariamente de

estar acima de sentimentos mesquinhos, e precisam de ser homens de vistas suficientemente largas para submeterem as próprias opiniões à orientação superior do todo. Cumpre-lhes ensinar os rapazes a «jogar o jogo», cada um deles no seu lugar, como os tijolos numa parede, com o seu próprio exemplo.

Cada um tem a sua esfera de acção, e quanto melhor ele se dedicar a ela, melhor corresponderão os escutas ao seu ensino. Pois é só visando os objectivos mais altos da Obra ou observando daqui a dez anos os efeitos de medidas actuais que se podem ver, na devida proporção, as minúcias do dia de hoje.

Se alguém não pode em consciência seguir o rumo devido, o seu dever viril é pôr francamente o caso ao seu comissário ou à sede central, e, se não puder concordar com os pontos de vista destes, abandonar as funções. Ele entra em primeiro lugar com os olhos abertos e não é justo que depois, porque descobre que os pormenores lhe não agradam, se queixe de que a culpa é do poder executivo.

Felizmente, por meio da descentralização e concessão de plena liberdade às autoridades locais, evitam-se, na nossa Obra, muitas formalidades burocráticas que têm sido a causa de irritação e queixas em muitas outras organizações.

Temos também a felicidade de possuir um corpo de Chefes-Escutas dotados de larga visão nas suas opiniões e na sua lealdade para com o Escutismo em geral.

● A Recompensa dum Chefe-Escuta

Houve um homem que ousou dizer-me que era a pessoa mais feliz do Mundo! Eu tive de lhe dizer que havia um ainda mais feliz — eu próprio.

Não se deve supor que, para atingir esta felicidade, qualquer dos dois nunca tivera dificuldades a enfrentar. Muito pelo contrário.

É a satisfação de ter enfrentado com êxito as dificuldades e ter sofrido contrariedades que completa o prazer de as ter vencido.

Não espereis que a vida seja para vós um leito de rosas; não teria graça nenhuma se o fosse.

Portanto no trato com os Escutas é forçoso que tenhais desilusões e reveses. Tende paciência: é maior o número de pessoas que

estragam a sua actividade ou a sua carreira por falta de paciência, do que o daquelas que o fazem por embriaguês ou outros vícios. Tereis de suportar com paciência críticas irritantes e impecilhos burocráticos até certo ponto, mas a vossa recompensa há-de chegar.

A satisfação que se sente por ter procurado cumprir o dever à custa de abnegação e de ter desenvolvido nos rapazes caracteres que lhes darão na vida categoria diferente constitui recompensa tal, que mal se pode exprimir por escrito. O facto de ter trabalhado para impedir a repetição daqueles males que, se se deixassem alastrar, não tardariam a corromper a juventude, dá a um homem a consolação genuína de que fez alguma coisa pela sua Pátria, por muito modesta que seja a sua posição.

É este o espírito com que Chefes de Escutas e Comissários, Membros de Comissões, instrutores, organizadores e secretários — a expressão dirigente escutista abrange-os a todos — trabalham no Escutismo.

O crédito pela organização e divulgação do Escutismo deve-se a este exército de trabalhadores voluntários. Nisto temos uma prova notável — embora muda — do excelente espírito patriótico que subsiste abaixo da superfície na maioria das nações. Estes homens sacrificam o seu tempo e as suas energias, e em muitos casos também o seu dinheiro, à tarefa de organizar a educação dos rapazes, sem qualquer ideia de recompensa ou louvor pelo que estão a fazer. Fazem-no por amor da Pátria e dos seus semelhantes.



Membros da Família Escutista: Lobito, Escuta e Escuta Sênior

O RAPAZ

O primeiro passo para o êxito na educação do rapaz está em saber alguma coisa a respeito dos rapazes em geral e depois a respeito de cada rapaz em particular.

O Dr. Saleeby, numa alocução à Sociedade Etica de Londres, disse: «O primeiro requisito para um professor eficiente é o conhecimento da índole do rapaz. O rapaz ou a rapariga não é uma pequena edição dum homem ou mulher, nem folha de papel em branco em que o professor vai escrever, mas todas as crianças têm a sua curiosidade própria, a sua inexperiência, uma misteriosa disposição normal que precisa de ser prudentemente auxiliada, animada e moldada ou modificada, ou até suprimida».

É conveniente lembrar, na medida do possível, as ideias que tinheis quando éreis rapazes e podereis assim compreender muito melhor os seus sentimentos e desejos.

É preciso tomar em consideração as seguintes qualidades do rapaz:

Bom humor — É preciso não esquecer que o rapaz é naturalmente dotado de grande dose de bom-humor; poderá ser pelo lado

frívolo, mas ele aprecia sempre um gracejo e vê o aspecto cómico das coisas. E este facto oferece logo a quem trabalha com rapazes um aspecto agradável e luminoso para a sua tarefa e permite-lhe tornar-se companheiro jovial, em vez de patrão, se quiser entrar na brincadeira.

Coragem — O rapaz em geral também consegue armar-se de coragem. Por natureza não é rezingão, embora mais tarde o possa vir a ser, quando o sentimento da própria dignidade tenha morrido nele e quando tenha andado muito na companhia de «rezingões».

Confiança — Em geral o rapaz tem confiança absoluta nas suas forças. Por isso, não gosta de ser tratado como criança nem que o mandem fazer coisas ou lhe digam como há-de fazê-las. Prefere muito mais experimentar por si, mesmo que isso o leve a fazer disparates, mas é precisamente a cometer erros que um rapaz adquire experiência e forma o carácter.

Esperteza — Geralmente o rapaz é fino como coral. É fácil instruí-lo em assuntos pertinentes à observação e percepção de factos e à dedução do significado destes.

Amor da agitação — O jovem cidadão é geralmente mais instável do que os camponeses devido às excitações da cidade, quer se trate da «passagem duma bomba de incêndios, ou dum bom combate de soco entre dois dos seus vizinhos». Não é capaz de se apegar a um trabalho durante mais de um ou dois meses, porque precisa de mudança.

Correspondência — Quando encontra alguém que se interessa por ele, o rapaz corresponde e vai para onde o levam, e é aqui que o culto dos heróis intervém como grande força auxiliar do Chefe-Escuta.

Lealdade — É traço do carácter juvenil que há-de inspirar esperança ilimitada. Os rapazes são ordinariamente amigos leais entre si, e sendo assim a amizade é quase sentimento natural no jovem. É o único dever que ele compreende. Pode parecer egoísta exteriormente, mas, em regra, está muito pronto por dentro a ser prestável aos outros e é nesse ponto que a nossa educação Escutista encontra bom terreno para cultivar.

Se se considerarem e estudarem estes diferentes atributos do rapaz, o Chefe fica em posição muito melhor para adaptar o ensino às suas diferentes propensões. Tal estudo é o primeiro passo

para alcançar êxito na educação. Eu tive o prazer, durante uma semana apenas, de me encontrar em centros diferentes com três rapazes que me foram indicados como tendo sido patifes e vagabundos incorrigíveis, até caírem sob a influência do Escutismo. Os respectivos Chefes tinham em cada um dos casos descoberto as qualidades boas que neles se ocultavam por baixo das más, e, tendo-se aproveitado delas, tinham posto os rapazes a trabalhar em tarefas que se ajustavam aos seus feitios especiais; e estes três são agora belos moços robustos, cada um dos quais está a trabalhar muito bem, completamente diferentes, quanto a carácter, do que antigamente eram. Valera a pena ter o trabalho de organizar os Grupos só por estes êxitos únicos.

Mr. Casson, escrevendo na revista *Teachers'World*, descreve assim essa obra complexa da Natureza — o rapaz:

«A julgar pela minha própria experiência, diria que os rapazes têm um mundo próprio — Mundo que eles criam para si mesmos; e nem o professor nem as lições são admitidos neste seu Mundo. O Mundo do rapaz tem os seus acontecimentos e normas e código e má língua e opinião pública».

«Apesar de professores e pais, os rapazes conservam-se leais ao seu próprio Mundo. Obedecem ao seu próprio código, embora este seja absolutamente diferente daquele que lhes ensinam em casa e na escola. Preferem alegremente o martírio às mãos dos adultos incompreensivos, a serem infieis ao seu próprio código».

O código do professor, por exemplo, favorece o silêncio, a segurança e o decoro. O código dos rapazes é exactamente o contrário. Prefere o barulho, o risco e a animação.

O divertimento, a luta, e o sustento! São estes os três elementos indispensáveis do Mundo do rapaz. São basilares. São aquilo por que os rapazes se interessam a sério; e nada tem que ver com professores nem com livros escolares.

Conforme a opinião pública no Reino dos rapazes, passar quatro horas por dia sentado a uma carteira é uma estúpida perda de tempo, e de luz. Alguém soube já de um rapaz — um rapaz saudável e normal, que pedisse ao pai que lhe comprasse uma carteira? Ou alguém conheceu já um rapaz que, andando a correr fora de casa, fosse pedir à mãe que o deixasse sentar-se na sala de visitas?

Certamente que não. O rapaz não é animal de carteira. Não é animal sedentário. Também não é pacifista nem acredita que acima de tudo deve estar a segurança, nem é rato de biblioteca, nem filósofo.

É rapaz — benza-o Deus — a transbordar de gozo e combatividade e fome e travessura e barulho e observação e entusiasmo. Se o não é, é porque é anormal.

Prossiga a batalha entre o código dos professores e o código dos rapazes. Os rapazes acabarão por vencer como venceram no passado. Alguns render-se-ão e alcançarão prémios académicos, mas a grande maioria persistirá na rebeldia e estes virão a ser os varões mais hábeis e nobres da Nação.

Não é verdade, se recorrermos à história, que Edison, o inventor de milhares de patentes, foi recambiado para casa pelo seu professor primário com um bilhete a dizer que era «demasiado estúpido para aprender»?

Lembrai-vos de que o rapaz, ao entrar para o Escutismo, quer começar logo a praticá-lo: não se lhe embote, pois, o interesse com excessivas explicações preliminares a princípio. Vá-se ao encontro dos seus desejos com jogos e práticas Escutistas, e introduzam-se posteriormente a pouco e pouco pormenores elementares, à medida que avançais.



Não é verdade que tanto Newton como Darwin, fundadores do método científico, foram ambos considerados cabeças de burro pelos seus professores?

Não há centenas de casos em que o cábula da escola se transformou em homem útil e eminente mais tarde? Não prova isto que os nossos métodos actuais são incapazes de desenvolver as aptidões dos rapazes?

Não será possível tratar os rapazes como rapazes? Não poderemos nós adaptar a gramática, a história, a geografia, a aritmética às exigências do Mundo do rapaz! Não saberemos traduzir o nosso saber adulto em linguagem da mocidade?

O rapaz não terá, afinal, *razão* em manter o seu código de justiça e de proeza e de aventura?

Não está ele a preferir a *acção* ao *saber*, como deve? Não é ele realmente um espantoso *trabalhador* miúdo, que faz coisas sozinho, à falta de orientação inteligente?

Não seria muitíssimo mais acertado que os professores se tornassem estudantes durante algum tempo para estudarem a maravilha que é a vida do rapaz e que actualmente procuram em vão travar e reprimir?

Porque hão-de remar contra a maré, quando a maré, afinal, está a correr na direcção devida?

Não será tempo de adaptarmos os nossos métodos fúteis e harmonizá-los com os factos? Porque havemos de teimar em continuar a afirmar pesarosamente, «os rapazes serão sempre rapazes», em vez de nos regozijarmos pela energia e coragem e iniciativa maravilhosas da mocidade? E que tarefa poderá ser mais nobre e mais agradável a um verdadeiro mestre do que orientar alegremente as forças indisciplinadas da natureza juvenil para os caminhos do serviço social?»

● Ambiente e Tentações

Como já disse, o primeiro passo para o êxito é conhecer o nosso rapaz, mas o segundo passo é conhecer-lhe o lar. É só quando conhecermos o ambiente em que vive, quando não está entre Escutas, que podemos realmente saber que influências devemos utilizar para agir sobre ele.

Quando a boa vontade e apoio dos pais estiverem assegurados, quando estes se tiverem associado entre si para colaborarem com maior interesse no funcionamento do Grupo e nos objectivos da Obra, a tarefa do Chefe tornar-se-á proporcionalmente leve.

De vez em quando podem surgir no lar más influências, que é preciso vencer. Além disso há outras tentações para o mal, que o instrutor do rapaz precisa de estar pronto a combater. Mas, se for

prevenido a tempo, ele poderá talvez descobrir meios de impedir que as tentações exerçam influência prejudicial sobre os seus moços; e dessa maneira se desenvolve o carácter destes no melhor sentido.

Uma das grandes tentações é a do *cinema*. O cinema exerce indubitavelmente enorme atracção sobre os rapazes, e há quem esteja constantemente a quebrar a cabeça para encontrar meio de o evitar. Mas é uma daquelas coisas que seriam muito difíceis de suprimir, mesmo se isso fosse inteiramente desejável. O que importa é antes saber utilizar os filmes do modo mais vantajoso para os nossos objectivos. Quando se enfrenta uma dificuldade é boa norma não a contrariar mas acompanhá-la e desviá-la gradualmente para a direcção desejada. No caso presente devemos procurar ver o que há de valor no cinema e aproveitá-lo para educar o rapaz. Não há dúvida de que ele pode ser poderoso instrumento para o mal pela sugestão que exerce, se não for devidamente fiscalizado; mas já se tomaram e continuam a tomar medidas para garantir a conveniente censura. Todavia, assim como pode ser força para o mal, também pode de igual modo aproveitar-se como força para o bem. Há hoje excelentes filmes sobre história natural e estudo da natureza, que dão à criança uma ideia muito mais exacta sobre os processos da natureza do que aquela que a sua própria observação lhe pode dar, e certamente muito superior à de inúmeras lições sobre o assunto. A história pode ensinar-se pela vista. Há dramas do tipo patético e heróico, e outros de graça genuína, humorismo, e riso. Muitos deles expõem o que é mau à condenação e ao ridículo. Não há dúvida de que este ensino visual pode adaptar-se de modo a produzir efeito maravilhoso pela própria inclinação e interesse das crianças pelo cinema. Precisamos de nos lembrar também de que os filmes têm a mesma influência nas escolas, que estão agora a utilizá-los com proveito. No Escutismo não podemos fazê-lo na mesma extensão, mas podemos utilizá-los como incitamento aos nossos próprios esforços. Precisamos de tornar o nosso Escutismo suficientemente aliciente para atrair o rapaz, por muitas que sejam as atracções em contrário.

O vício juvenil do fumo e os seus efeitos prejudiciais sobre a saúde; *o jogo de azar* e toda a desonestidade que dele deriva; os males do *alcoolismo*, da *ociosidade com as raparigas*, a *falta de lim-*

peza, etc., só podem ser corrigidos pelo Chefe que conheça o ambiente habitual dos seus moços.

Isto não se faz com proibições ou castigos, mas substituindo alguma coisa pelo menos igualmente atraente, mas boa nos seus efeitos.

A *criminalidade juvenil* não nasce naturalmente no rapaz, mas é em grande parte devida ou ao espírito de aventura que há nele, à sua própria insensatez, ou à sua falta de disciplina conforme a índole do indivíduo.

A *mentira* espontânea é outro defeito muito comum nos rapazes; e é, infelizmente, mal dominante em todo o mundo. Encontra-se especialmente entre as tribos incultas, mas também nos países civilizados. O hábito de dizer a verdade, que faz com que um homem seja considerado autoridade fidedigna, exerce grande influência no seu carácter e no carácter da Nação. Cumpre-nos portanto fazer todo o possível para incutir nos rapazes o sentimento da honra e da veracidade.

● Sede do Grupo e Acampamento

O antídoto principal para um ambiente mau é naturalmente a sua substituição por um que seja bom, objectivo que se atinge muito bem por meio da Sede do Grupo e do Acampamento Escutista. Por Sede não quero dizer exercícios semanais de meia hora num grande salão escolar emprestado para o efeito — coisa que muitas vezes parece ser o objectivo daqueles que lidam com rapazes — mas um lugar próprio onde os rapazes se sintam em sua casa, embora seja apenas uma adega ou umas águas furtadas; um lugar onde eles se possam recolher todas as noites, sendo preciso, e encontrar tarefas e distrações agradáveis, muitas actividades variadas e ambiente acolhedor e feliz. O Chefe que o conseguir terá realizado tarefa excelente na criação do ambiente apropriado para alguns dos seus rapazes, ambiente que será o melhor antídoto contra o veneno que aliás lhes penetraria no espírito e no carácter.

Depois o acampamento (e este deve ser tão frequente quanto possível) é segundo e ainda mais poderoso antídoto do que a Sede. A atmosfera franca e arejada e a camaradagem de convivência prolongada nas tendas, no campo, e à roda da fogueira, estabelece

entre os rapazes o melhor entendimento possível e faculta ao chefe-escuta a melhor das oportunidades para conquistar os seus rapazes e para imprimir neles a sua personalidade.

● Modo de conquistar os rapazes

Gosto de comparar o homem que procura levar os rapazes a estarem sob boa influência a um pescador que pretende apanhar peixe.



O que o Chefe faz farão também os seus rapazes. O chefe reflecte-se nos seus Escutas. Da abnegação e patriotismo do Chefe, os Escutas herdaram a prática da abnegação e do serviço patriótico.

Se o pescador iscar o anzol com a comida de que ele próprio gosta é provável que não apanhe muitos — com certeza não apanha os peixes tímidos e esquivos. Usa portanto, como isca, o alimento de que os peixes gostam.

O mesmo se dá com os rapazes; se tentarmos pregar-lhes aquilo que consideramos doutrina elevada, não os apanhamos. Qualquer «piadosismo» manifesto afugentará os mais animosos de entre eles, e são estes que nós queremos atrair. A única maneira é estender-lhes alguma coisa que realmente os atraia e os interesse. E parece-me evidente que o Escutismo assim procede.

Podemos depois condimentá-la com aquilo que desejamos que eles tomem.

Para conquistarmos os rapazes precisamos de ser seus amigos; mas de começo não tenhamos pressa demasiada em alcançar esta

situação, enquanto eles não tiverem perdido o acanhamento perante nós. Mr. F. D. How, no seu *Livro da Criança*, resume a maneira conveniente na história seguinte:

«Um homem que tinha de passar diariamente por uma rua suja viu um rapazinho de cara enfarruscada e pernas e braços enfezados a brincar na valeta com uma casca de banana. O homem acenou-lhe com a cabeça — o rapaz recuou aterrado. No dia seguinte o homem acenou-lhe de novo. O rapaz convencera-se de que não havia nada a recear, e cuspiu para o homem. No terceiro dia o miúdo apenas o fitou. No quarto berrou-lhe «Olá!» quando o homem passava. Com o tempo, o rapazinho correspondeu ao sorriso de saudação que agora começou a esperar. Finalmente o triunfo foi completo quando o rapaz — um miudito — estava à espera do homem à esquina e lhe agarrou os dedos com o punhozinho sujo. Era uma rua sombria, mas transformou-se num dos lugares mais luminosos em toda a vida daquele homem».



A vida energética do ar livre é a chave do espírito Escutista.

O ESCUTISMO

O Escutismo é um jogo de rapazes, sob a direcção de rapazes, em que os irmãos mais velhos podem oferecer aos mais novos um ambiente saudável e instigá-los a praticar actividades saudáveis, que os ajudarão a desenvolver o CIVISMO.

A sua maior atracção vem-lhe do estudo da Natureza e conhecimentos da vida dos bosques. Ocupa-se do indivíduo, e não do conjunto. Desperta qualidades intelectuais, bem como qualidades puramente físicas ou morais.

A princípio visava estes objectivos — agora pela experiência adquirida sabemos que, quando devidamente aplicado, os atinge.

O melhor expositor dos fins e métodos do Escutismo foi talvez o director da Escola Superior da Universidade de Colúmbia (Nova Iorque), James E. Russel. Escreve ele:

«O programa dos Escutas é o *papel do adulto adaptado à escala do rapaz*. Agrada a este não sòmente porque ele é rapaz, mas porque é homem em perspectiva... O programa Escutista não pede ao rapaz nada que um homem não faça; mas, passo a passo, leva-o da posição onde ele se encontra até que chega àquela em que queria estar...

«A feição mais impressionante do Escutismo não é o programa, mas sim o método. Como processo sistemático de levar os rapazes a fazer o que é bom e inculcar-lhes bons hábitos é quase ideal. Na prática, dois aspectos se salientam — um é que os hábitos se fixam definitivamente; o outro é que o Escutismo proporciona ocasiões para o exercício da iniciativa, do autodomínio, da confiança em si, e governo de si mesmo.

«Para desenvolvimento da iniciativa o Escutismo conta não só com o seu programa de actividades para o rapaz, mas aproveita também de forma admirável o seu mecanismo administrativo. No plano administrativo oferece-se excelente oportunidade para se fugir a qualquer método cediço. Assim acontece na Patrulha e no Grupo. A orgânica ensina os rapazes a colaborar em equipas. Assegura o esforço cooperativo para um fim comum; isto é processo democrático em si e por si...

«Estimulando os Escutas a praticar Boas Acções, com espírito sadio, alegre e nada hipócrita nem interesseiro, como primeiro passo, e a prestar, depois, serviços à comunidade, o chefe-escuta pode fazer mais por eles até do que promovendo neles a competência, a disciplina ou os conhecimentos, porque lhes está a ensinar não tanto a *ganhar a vida* como a *viver*.»

● O Escutismo é Simples

A um estranho, o Escutismo, à primeira vista, há-de parecer coisa complicada, e há provavelmente muitos homens que desistem de se tornarem Chefes-Escutas devido ao número e variedade enorme de coisas que julga necessário saber para ensinar aos rapazes. Mas tal não é preciso, se se compreenderem os seguintes pontos:

1. A finalidade do Escutismo é perfeitamente simples.
2. O Chefe-Escuta inculca no rapaz a ambição e o desejo de aprender por si, sugerindo-lhe actividades que lhe agradam e a que ele se dedica, até que, com a prática, as

executa bem. (*Tais actividades são sugeridas em «Escutismo para Rapazes»*).

3. O Chefe-Escuta opera por intermédio dos Guias de Patrulha.

● A Finalidade do Escutismo

A finalidade da formação Escutista é *melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos*, especialmente no que diz respeito a CARACTER e SAÚDE; substituir o egoísmo pelo Serviço, tornar os moços individualmente capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes.

O civismo já foi definido resumidamente como sendo «lealdade activa para com a comunidade». Num país livre é fácil, e nada invulgar, considerar-se alguém bom cidadão se for respeitador das leis, realizar trabalho útil e manifestar a sua preferência em política, desportos ou actividades, deixando ao Governo o encargo de preocupar-se com o bem da Nação. Isto é civismo *passivo*. Mas civismo *passivo* não basta para defender no mundo as virtudes da liberdade, honra e justiça. Só o civismo *activo* o pode fazer.

● Os Quatro Ramos da Formação Escutista

Para realizar a finalidade de preparar para o civismo activo, recorreremos aos quatro factores seguintes, que são essenciais à formação de bons cidadãos, e inculcamos-los a partir de dentro e não de fora:

CARACTER — Que formamos por meio de: Sistema de Patrulha, Lei do Escuta, conhecimentos Escutistas, ciência dos bosques, responsabilidade do Guia de Patrulha, jogos de equipas e o espírito de iniciativa requerido em trabalhos de campo. Tudo isto inclui a compreensão de um Deus criador através das Suas obras; a apreciação das belezas da Natureza; e pelo amor das plantas e animais, com que a vida do ar livre nos tornou familiares.

SAÚDE E FORÇA — Por meio de jogos, exercícios e conhecimento da higiene e alimentação pessoais.

HABILIDADE MANUAL — De vez em quando por meio de actividades caseiras, mas mais especialmente de pioneirismo, construção de pontes, improvisações de acampamento, expressão pessoal através das artes, todas as quais contribuem para criar artífices capazes.

SERVIÇO DO PRÓXIMO — A introdução na vida diária da *prática* da religião por meio de «boas acções», que se resumem em pequenos actos, bem como em serviços prestados à sociedade, em casos de desastre e salvamento de vidas.

Os pormenores destes quatro ramos apresentam-se na pág. 35 e descrevem-se na segunda parte deste livro.

● As Actividades Escutistas

Pelo termo Escutismo designa-se o serviço e atribuições dos coureiros, exploradores, caçadores, marinheiros, aviadores, pioneiros e fronteiros.

O Escutismo é um alegre divertimento ao ar livre, onde homens-rapazes e rapazes podem, em conjunto, entregar-se à aventura como irmãos mais velhos e mais novos, colhendo saúde e felicidade, habilidade manual e espírito de auxiliar o próximo.



Ao transmitir os elementos destes aos rapazes fornecemos-lhes um conjunto de jogos e práticas que vão ao encontro dos seus desejos e instintos e são ao mesmo tempo educativos.

Do ponto de vista dos rapazes, o Escutismo reúne-os em grupos fraternais, que é sua organização natural, quer para jogos,

Quadro Analítico do Programa Escutista para a formação de bons cidadãos

1. CARÁCTER

QUALIDADES VISADAS
 Lealdade cívica
 Respeito pelos direitos dos outros
 Disciplina
 Chefia
 Responsabilidade
 Moral
 Honra
 Cavalheirismo
 Confiança em si
 Coragem
 Capacidade de apreciação
 Elevação de pensamento
 Religião
 Fidelidade
 Sentimento da própria dignidade
 Lealdade

PELA PRÁTICA DE
 Actividades da Patrulha
 Jogos de equipa
 Conselho de Guias
 Lei e Promessa do Escuta

Serviço e Actividades Escutistas
 Apreço pela Natureza
 História Natural e Estudo
 Astronomia
 Bondade para com os animais
 Serviço dos outros
 (Ver abaixo)

2. SAÚDE E FORÇA

QUALIDADES VISADAS
 Saúde

PELA PRÁTICA DE
 Responsabilidade pela saúde pessoal
 Higiene
 Temperança
 Continência
 Camplismo

Força
 Desenvolvimento físico
 Jogos
 Natação
 Excursões pedestres
 Alpinismo e actividades naturais

3. TRABALHOS MANUAIS E HABILIDADE

QUALIDADES VISADAS
 Habilidade técnica
 Espírito inventivo
 Observação intelectual
 Dedução
 Autoexpressão

PELA PRÁTICA DE
 Técnica Escutista
 Improvisações campalistas
 Pioneirismo
 Recompensas por meio de distintivos variados
 de trabalhos manuais
 Amadorismo
 Conhecimento da vida dos bosques
 Seguimento de pistas

4. SERVIÇO DOS OUTROS

QUALIDADES VISADAS
 Abnegação
 Deveres cívicos
 Patriotismo
 Serviço pela Pátria
 Serviço humanitário
 Serviço de Deus

PELA PRÁTICA DE
 Lei e Promessa do Escuta
 Boas acções
 Primeiros socorros
 Salvamento de vidas
 Bombeiros
 Socorristas
 Serviços hospitalares
 Outros serviços da comunidade

travessuras, ou vadiagem; dá-lhes um uniforme vistoso e equipamento; fala-lhes à imaginação e ao sentido romântico e lança-os na vida activa do ar livre.

Do ponto de vista dos pais, favorece-lhes a saúde e o desenvolvimento físicos; habituá-os à energia, à improvisação e a trabalhos manuais; incute no rapaz a disciplina, coragem, cavalheirismo e patriotismo; numa palavra, desenvolve-lhes o carácter, que é mais essencial a um rapaz do que qualquer outra coisa para abrir caminho na vida.

A formação Escutista atrai rapazes de todas as classes, altas e baixas, ricas e pobres, e empolga até os fisicamente defeituosos, surdos, mudos e cegos. Incute o *desejo* de aprender. O princípio segundo o qual o Escutismo funciona é o de que se estudam as ideias do rapaz, que é instigado a *EDUCAR-SE A SI PRÓPRIO* em vez de ser *instruído*.

Dá-lhes um bom começo em preparação técnica por meio de distintivos de capacidade em vários tipos de ocupações de amador e trabalhos manuais, além dos genuínos distintivos Escutistas de primeira e segunda classes, a atestarem a sua capacidade em natação, pioneirismo, culinária, conhecimentos da Natureza e outros pontos de virilidade e aptidão manual. A finalidade de lhes oferecermos tantas especialidades em nível elementar é a de atrair os rapazes de todos os tipos a experimentarem várias espécies de trabalho, e o Chefe atento pode reconhecer prontamente a vocação especial de cada rapaz e fomentá-la devidamente. E é esse o melhor meio para lhe desenvolver o carácter individual e para iniciar o rapaz numa carreira feliz.

Além disso, estimulamos o rapaz a assumir a responsabilidade pessoal do seu desenvolvimento físico e saúde; e confiamos na sua honra e contamos com que ele pratique uma boa acção todos os dias em benefício de outrém.

Quando o próprio Chefe tem um pouco de rapaz e é capaz de ver as coisas do ponto de vista deste, poderá, se tiver imaginação, inventar actividades novas, com variações frequentes, para satisfazer a sede de novidade dos rapazes. Reparai nos teatros. Se verificam que uma peça não agrada ao público, não teimam em repeti-la na esperança de que acabará por agradar-lhe. Retiram-na da cena e apresentam qualquer nova atracção.

Os rapazes são capazes de encontrar aventura num velho charco imundo, e se o Chefe é homem-rapaz também a poderá encontrar. Não se exige grande despesa ou aparelhagem para descobrir novas ideias; os próprios rapazes podem, muitas vezes, colaborar com sugestões.

Outro modo de descobrir as actividades que agradarão aos rapazes é que o Chefe poupe os miolos fazendo uso dos ouvidos.

Quando um explorador militar em tempo de guerra sai à noite para colher informações sobre os movimentos do inimigo, consegue-o em grande parte escutando. De igual modo, quando o Chefe está em branco quanto às inclinações ou carácter dos seus rapazes, pode em grande parte conhecê-los escutando.

Escutando, penetrará no íntimo do carácter da cada rapaz e descobrirá o melhor modo de o interessar.

O mesmo se dá nos debates do conselho de Guias e nas palestras de bivaque; se houver o cuidado de ouvir e observar com atenção especial colher-se-ão muito mais informações dos rapazes do que o Chefe lhes pode transmitir nas suas palestras.

Além disso, quando se visitam os pais, não se vá tanto com a ideia de os impressionar com o valor do Escutismo como de averiguar que ideias eles têm sobre a educação dos seus filhos e o que esperam do Escutismo, ou em que pontos o acham deficiente.

Em geral, quando o Chefe tem falta de ideias, não imponha aos Escutas actividades que, em sua opinião, devem apreciar, mas antes deve descobrir, ouvindo-os ou interrogando-os, que actividades mais os atraem e verificar até que ponto as pode pôr em prática — se forem de molde a beneficiar os rapazes.

Num Grupo onde ressoa o riso alegre, onde se triunfa nos concursos e onde não falta o entusiasmo de novas aventuras, não haverá perda de elementos por motivo de aborrecimento.

● O Espírito Escutista

A característica fundamental é o espírito do Movimento e a chave que abre a porta a este espírito é o romantismo da vida dos bosques e da história natural.

Onde haverá um rapaz, ou até mesmo um adulto, nestes tempos de materialismo, a quem o apelo da selva e da estrada livre não atraia? Talvez seja instinto primitivo — mas o facto é que ele existe. Com essa chave pode abrir-se uma grande porta, ainda que seja apenas para deixar entrar o ar puro e o sol em vidas que, aliás, seriam sombrias.

Mas geralmente consegue fazer mais do que isso.

Os heróis do sertão, os fronteiros e exploradores, os corredores dos mares, os aviadores das nuvens, são Tocadores da Flauta Mágica para os rapazes.

Para onde se dirigirem, os rapazes segui-los-ão, e dançarão ao som da sua música, quando esta entoar a canção da virilidade e coragem, da aventura e esforço ingente, da eficiência e capacidade, do alegre sacrifício pessoal pelos outros.



A imaginação leva o rapaz através da pradaria e dos mares. No Escutismo ele sente-se parente do Pele-Vermelha, do pioneiro e do sertanejo.

Há nisto alimento para o rapaz; aqui há alma.

Reparai naquele jovem que desce a rua, com os olhos fitos ao longe. A sua visão ficará para além da pradaria ou do outro lado dos mares cinzentos? De qualquer modo não está aqui. Quem o sabe melhor do que eu?

Nunca vistes os búfalos a vaguear nos Jardins de Kensington? E não vedes o fumo a sair das tendas dos Sioux, à sombra da estátua do rei Alberto? Há muitos anos que ali os vejo.

O Escutismo permite ao rapaz envergar o traje do fronteiro como membro da grande Fraternidade dos Bosques. Sabe seguir pistas e sinais, sabe fazer sinalagem, acender o lume, construir um abrigo e cozinhar o que come. Sabe servir-se das mãos para fazer muitas coisas da arte do pioneiro e do campista.

A unidade de que faz parte é o bando natural dos rapazes, dirigidos por um guia que é também rapaz.

Pode ser um do rebanho, mas tem personalidade própria. E começa a conhecer a alegria de viver por meio da vida ao ar livre.

Depois há também o lado espiritual.

Com as migalhas de conhecimentos da Natureza adquiridos nas excursões pelos bosques, a alma em botão desabrocha e começa a observar. O ar livre é *por excelência* a escola de observação e de compreensão das maravilhas de um Universo portentoso.

Abre o espírito à apreciação do belo que se lhe apresenta dia após dia. Revela ao jovem cidadão que há estrelas para além das chaminés da cidade, e que as nuvens vermelhas do poente resplandecem na sua magnificência muito acima do telhado do cinema.

O estudo da Natureza engloba num todo harmonioso o problema do infinito, da história e do microscópico como partes da grande obra do Criador. E nestes, o sexo e a reprodução desempenham papel honroso.

A prática do Escutismo é meio pelo qual se podem despertar no maltrapilho mais completo pensamentos elevados e os princípios da crença em Deus; e, conjugada com a obrigação que o Escuta tem de praticar todos os dias uma Boa Acção, constitui a base dos deveres para com Deus e para com o próximo, sobre a qual o pai, ou o cura, pode erguer, com a maior facilidade, a forma de crença que se deseje.

«Pode vestir-se um moço de vaqueiro, de magala ou de marujo, Podemos exercitá-lo até que ele se mostre apuradíssimo, Mas nem sempre se segue, quando se lhe arranham as costas, Que ele seja realmente um herói ou um santo.»

É o espírito interior e não o verniz de fora que o consegue.

É o espírito lá está em cada rapaz que conquistamos, mas é preciso descobri-lo e trazê-lo à luz.

A *Promessa Escutista* (ou *Juramento*) a cumprir, *por sua honra*, na medida em que lhe seja possível, e a *Lei do Escuta* constituem o elo forte da nossa disciplina, e em noventa e nove por cento dá resultado. O rapaz não se governa com NÃO FAÇAS, mas é levado por FAZ. A Lei do Escuta foi elaborada mais para o guiar nas suas acções do que para lhe reprimir os defeitos. Ela apenas declara o que é boa norma e se espera de um Escuta.

O SISTEMA DE PATRULHAS

O Sistema de Patrulhas é a característica essencial em que a formação Escutista difere da de todas as outras organizações, e quando o sistema é devidamente aplicado, o êxito é absolutamente certo. Não pode deixar de o ser!



O melhor progresso realiza-se naqueles Grupos em que o poder e a responsabilidade são efectivamente confiados aos Guias de Patrulha. Está nisto o segredo do êxito da Educação Escutista.

O enquadramento dos rapazes em Patrulhas de seis a oito elementos e o instruí-los como unidades distintas, cada uma sob o seu guia responsável, é a chave de um bom Grupo.

A Patrulha é sempre a unidade em Escutismo, quer para trabalho quer para recreio, para a disciplina ou para o dever.

Um meio valiosíssimo para a formação do carácter é atribuir responsabilidades ao indivíduo. Isto consegue-se imediatamente ao nomear um Guia de Patrulha para a direcção *responsável* da sua Patrulha. Parece exigência excessiva, mas na prática dá resultado.

Depois, por meio da emulação e competição entre Patrulhas, cria-se um espírito de Patrulha, que é altamente benéfico, visto que eleva o nível moral entre os rapazes e desenvolve em todos eles nível elevado de eficiência. Cada rapaz da Patrulha compreende que ele é por si elemento responsável e que a honra do seu grupo depende de algum modo da sua própria capacidade de participar no jogo.

● Conselho de Guias — Tribunal de Honra (*)

O Conselho de Guias e Tribunal de Honra é elemento importante do sistema de Patrulhas. É comissão permanente que, sob a orientação do Chefe, resolve os negócios do Grupo, tanto administrativos como disciplinares. Desenvolve nos seus membros o sentimento da dignidade, os ideais da liberdade conjugados com o sentimento da responsabilidade e respeito pela autoridade, ao mesmo tempo que faculta a prática de normas de actuação que é preciosa para os rapazes individual e colectivamente como futuros cidadãos.

O Conselho de Guias trata de assuntos de rotina e da organização de actividades tais como espectáculos do Grupo, desportos, etc. Neste Conselho é muitas vezes conveniente admitir a participação dos Sub-Guias, que, enquanto prestam auxílio, adquirem incidentalmente a prática e experiência do funcionamento das comissões. O Tribunal de Honra, pelo contrário, compõe-se exclusivamente dos Guias de Patrulha. O Tribunal de Honra, como seu nome indica, tem uma missão excepcional, como seja resolver casos de disciplina e de concessão de prémios.

(*) A designação Tribunal de Honra entre os Escutas dos E. U. A. indica a função em que se atribuem aos Escutas insígnias de capacidade ou de categoria.

● Valores do Sistema de Patrulhas

É importante que o Chefe-Escuta reconheça o valor extraordinário que pode tirar do Sistema de Patrulhas. É a melhor garantia da vitalidade e êxito permanentes do Grupo e alivia o Chefe de grande número de trabalhos rotineiros de menor importância.

Mas primeiro e acima de tudo: *A Patrulha é a escola de carácter para o indivíduo.* Ao Guia de Patrulha faculta a prática da Responsabilidade e das qualidades de Direcção. Aos Escutas inculca a subordinação pessoal aos interesses do conjunto e os elementos de abnegação e domínio de si mesmos inerentes ao espírito de colaboração e camaradagem da equipa.

Mas para se conseguirem deste sistema resultados de primeira qualidade é preciso conceder aos jovens guias responsabilidade autêntica e generosa — concedendo-lhes apenas responsabilidade parcial, não se alcançam senão resultados parciais. O objectivo principal não é tanto poupar trabalho ao Chefe como atribuir responsabilidade ao rapaz, visto que não há melhor meio do que este para lhe desenvolver o carácter.

O chefe que queira alcançar êxito precisa não só de estudar o que se escreveu a respeito do Sistema de Patrulhas e dos seus métodos, mas também de pôr em prática as sugestões que encontra nos livros. É o fazer as coisas que é tão importante, e só à custa de exercício constante poderão os seus Guias e Escutas alcançar a necessária experiência. Quanto mais lhes der a fazer, tanto melhor eles corresponderão, e tanto mais vigor e carácter alcançarão.

O UNIFORME ESCUTISTA

Já tenho dito muitas vezes: «Não me importo nada absolutamente de que o Escuta traga ou não traga uniforme, contanto que ponha o coração naquilo que faz e cumpra a Lei do Escuta». Mas a verdade é que quase não há Escuta que não ande de uniforme, se tem possibilidade de o comprar.

E o brío que o leva a isso.

A mesma regra se aplica naturalmente àqueles que promovem o Escutismo — os Chefes-Escutas e Comissários; não têm obrigação

de usar uniforme, se isso lhes não agrada. Ao mesmo tempo, na sua posição, têm de pensar nos outros mais do que em si próprios.

Pessoalmente envergo o uniforme mesmo que não vá inspecionar senão uma Patrulha, porque tenho a certeza de que isso eleva o nível moral dos rapazes. Exalça-lhes a estima que têm pelo uniforme, quando vêem que um adulto não deixa de o usar. Exalça-lhes o sentimento da própria dignidade, quando se vêem tomados a sério por homens que também dão importância ao facto de pertencerem com eles à mesma fraternidade.

O apurmo no uso do uniforme e a correcção nos pormenores pode parecer coisa sem importância, mas tem o seu valor na formação do sentimento da dignidade e contribui muitíssimo para a reputação do Escutismo entre os estranhos, que julgam pelo que vêem.

É em grande parte questão de exemplo. Mostrei-me um Grupo de uniforme relaxado e eu deduzirei, sem ser Sherlock Holmes, que tem um Chefe desmazeladamente uniformizado. Pensai nisto, Chefes, quando estais a ajustar o uniforme ou ao dar na aba do chapéu aquele jeito arrebitado.

O Chefe é o modelo dos seus rapazes e o seu apurmo há-de reflectir-se neles.

O PAPEL DO CHEFE-ESCUA

Os princípios do Escutismo estão todos certos. O êxito da sua aplicação depende do Chefe e do modo como ele os aplica. O meu objectivo agora é procurar auxiliar o Chefe-Escuta neste ponto: Primeiro mostrando-lhe a finalidade da formação Escutista; segundo sugerindo-lhe métodos pelos quais esta se pode levar a cabo.

Talvez muitos Chefes desejassem que lhes fornecesse todos os elementos em pormenor. Mas isto seria de facto impossível, porque o que serve a um Grupo especial ou a um tipo de rapaz, em determinado lugar, não servirá para outro a uma milha do primeiro, e muito menos aos que estão espalhados por todo o mundo e vivem em condições absolutamente diferentes. Todavia podem apresentar-se certas sugestões gerais e os Chefes, ao aplicá-las, podem julgar muito melhor por si quais os elementos que provavelmente produzirão bons efeitos nos seus Grupos especiais.

Mas antes de entrarmos em pormenores quero repetir mais uma vez: Não vos assusteis perante a grandeza imaginária da tarefa. Ela desaparecerá uma vez que conheçais a sua finalidade. Bastar-vos-á então tê-la sempre diante dos olhos e adaptar ao vosso objectivo os elementos que convenham.

Como em *Peeveril of the Peak*: «Não importa muito se realmente atingimos os nossos ideais mais elevados, contanto que eles sejam elevados».

Uma vez por outra, podem avolumar-se as dificuldades a ponto de quase occultarem as possibilidades radiosas. Mas é consolador lembrar que aquelas estão geralmente fora das devidas proporções e diminuem à medida que delas nos aproximamos. Consolai-vos com os versos do velho negro:

*Vancê óia prá baixo, vê da linha a bitola,
Coça a cabeça e dá tratos, mais tratos à bola!
«Quê diacho!» diz vancê, «cumo é qui esti trem
Vai passá ondi os trilhos si ajuntam além?»*

*O quinvóio parece inté qui vai voando,
E o maquinista essi nem siqué tá ligando!
E vancê tem certeza quê, visto di mais perto,
Os trilhos não si ajuntam e o strada tá certo.*

*Ansi memo tudo nós, ao olhá o futuro,
Vemo apertá o caminho e prá passá não há furo;
Mais chegando perto vemo logo ele si alargá,
E o espaço dá passage a deiz mulas a pá.*

(Saturday Morning Post)

PARTE II

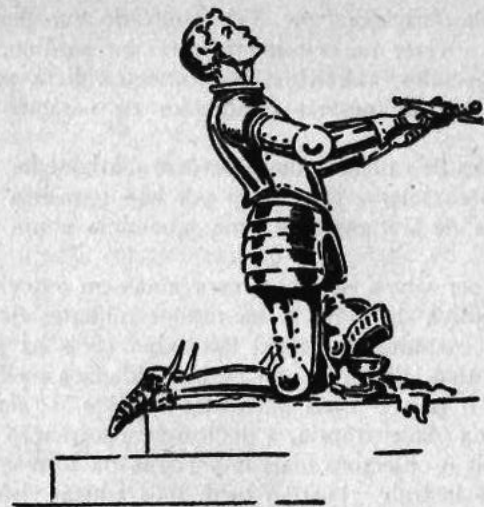
PELO ESCUTISMO PARA A CIDADANIA

I CARÁCTER

II SAÚDE E VIGOR

III HABILIDADE MANUAL E PERICIA

IV SERVIÇO DOS OUTROS



O código do cavaleiro é ainda hoje o código do cavalheiro.

I CARACTER

«Uma Nação deve o seu triunfo não tanto ao poder dos seus armamentos como ao grau de carácter dos seus cidadãos».

«Para um homem triunfar na vida, o carácter é mais essencial do que o saber».

Portanto o carácter tem o maior valor, tanto para a nação como para o indivíduo. Mas se é do carácter que a carreira dum homem depende convém que este se lhe forme antes de ele começar a trabalhar, enquanto é ainda jovem e receptivo. O carácter não pode ser injectado no rapaz à força de exercícios. Existe já nele em embrião e precisa de desabrochar e desenvolver-se. De que modo?

O carácter é quase sempre consequência do ambiente ou vizinhança. Peguemos por exemplo, em dois rapazinhos, gémeos, se quiserdes. Demos-lhes as mesmas lições na escola, mas ambientes, companheiros e lares inteiramente diferentes fora dela. Ponhamos um a viver com uma mãe bondosa e animadora, entre companheiros limpos e rectos, entre os quais se confia na honra de cada um no

cumprimento de obrigações, etc. Pelo contrário tomemos o segundo e punhamo-lo a viver na ociosidade, num lar sórdido, entre companheiros desbocados, ratoneiros, descontentes. Será provável que este venha a ter as mesmas qualidades de carácter que o seu irmão gémeo?

Há milhares de rapazes que se perdem diàriamente, porque lhes não formam o carácter e se tornam por isso parasitas inúteis, que são a desgraça de si mesmos e uma ignomínia e um perigo para a Nação.

Poderiam ser salvos, se lhes proporcionassem o devido ambiente na época receptiva da vida. E há muitos milhares de outros que podem não se encontrar em nível tão baixo (pois há parasitas em todas as classes sociais), mas que seriam cidadãos melhores e mais valiosos para o país e mais satisfeitos consigo, se fosse possível convencê-los, na idade própria, a dedicar-se à formação do carácter.

Este é pois o objectivo mais importante da formação Escutista — educar; não instruir, reparem bem, mas educar, isto é, levar o rapaz a aprender por si, espontâneamente, aquelas coisas que contribuem para lhe formar o carácter.

● Razão por que um Grupo não deve exceder 32

É preferível que o número de elementos no Grupo não exceda 32. Sugiro este número porque, ocupando-me pessoalmente da formação de rapazes, verifiquei que 16 era o número de que eu podia tratar — para descobrir e desenvolver o carácter individual de cada um. Admito que os outros tenham duas vezes maior capacidade que eu e daí o total de 32.

Há quem fale em excelentes Grupos de 60 ou até 100 — e os seus dirigentes afirmam-me que os seus rapazes são tão bem preparados como em Grupos menores. Eu manifesto admiração («admiração» traduzida à letra significa «surpresa»), e não os acredito.

«Porque nos havemos de preocupar com a formação individual?» Perguntam. Porque é a única forma por que se pode educar. Podemos instruir qualquer número de rapazes, mil de cada vez, se tivermos voz forte e métodos atraentes para manter a disciplina. Mas isso não é formação — não é educação.

A educação é a coisa que importa na formação do carácter e de homens.

O incentivo de aperfeiçoamento, quando devidamente incutido no indivíduo, dirige-lhe o esforço activo no sentido mais conforme ao seu temperamento e faculdades.

De nada vale pregar a Lei do Escuta ou proclamá-la em vozes de comando a uma multidão de rapazes: cada entendimento requiere exposição especial dos seus artigos e a ambição de os observar.

E é nisto que a personalidade e habilidade do Chefe-Escuta intervém.

Consideremos pois algumas das qualidades, morais e intelectuais, que entram na formação do *Carácter* e vejamos depois como o Chefe pode conseguir que o rapaz as desenvolva por si, por meio do Escutismo.

● Cavalheirismo e Jogo Leal

O código dos cavaleiros medievais tem sido a base do procedimento dos gentis homens desde o dia em que o Rei Artur, cerca do ano de 500 da nossa era, formulou as regras para os seus Cavaleiros da Távola Redonda.

O romantismo dos Cavaleiros alicia todos os rapazes e faz-lhes apelo ao sentido moral. O Código de Cavalaria incluía a Honra, a Auto-Disciplina, a Cortesia, a Coragem, o Sentido Abnegado do Dever e do Serviço e a orientação da Religião.

As leis, tais como foram reeditadas no tempo de Henrique VII, são como segue:

1. Nunca deveriam despir a armadura senão para repousarem à noite.
2. Deveriam procurar aventuras em que alcançassem fama e renome.
3. Defender os pobres e fracos.
4. Auxiliar todo aquele que pedisse auxílio em disputa justa.
5. Não se ofenderem uns aos outros.
6. Lutar pela defesa e bem-estar do seu país.
7. Trabalhar por honra mais do que por proveito.
8. Nunca faltar a uma promessa, fosse por que razão fosse.
9. Sacrificarem-se pela honra da sua pátria.
10. «Preferir morrer honrosamente a fugir vergonhosamente».

Os ideais dos Cavaleiros e a ideia da lealdade são acima de tudo o que melhor se pode inculcar nos rapazes e cria neles aquela forte noção de justiça que deve fazer parte do seu carácter, para virem a ser realmente bons cidadãos.

Este hábito de encarar as coisas do ponto de vista dos outros pode desenvolver-se pelos jogos de ar livre, em que a lealdade é essencial, quer se trate da «Conquista de Bandeiras» ou de «Corrida de Estafetas». Durante o jogo observam-se rigorosamente as regras que implicam auto-domínio e boa disposição por parte dos jogadores, e no fim é de regra que o vencedor seja compreensivo para com o vencido, e que o adversário seja o primeiro a aplaudir e felicitar o vencedor.

Esta deve ser a prática, que acaba por se transformar em hábito.

Um outro auxiliar valioso para a formação dos rapazes em lealdade é a realização de debates entre eles sobre assuntos que lhes interessem e se prestem ao debate em dois sentidos. Serão assim levados a reconhecer que todos os problemas importantes apresentam dois aspectos, e que se não devem deixar convencer pela eloquência do primeiro orador, antes de ouvirem o que o defensor do outro aspecto tem a dizer sobre o assunto, e que devem depois ponderar os argumentos de ambas as partes antes de se decidirem a tomar partido.

O processo prático de o conseguir é não votar por mãos erguidas, em que o rapaz hesitante ou desatento vota conforme a maioria. Cada um deve registar o seu voto de «sim» ou «não» num pedaço de papel e entregá-lo. Isto permite-lhe decidir-se por si depois de considerar devidamente ambos os lados da questão.

De igual modo os simulacros de julgamento ou a arbitragem de conflitos, se forem executados a sério e nos moldes dum tribunal de Justiça, têm o maior valor para inculcar nos rapazes a mesma ideia de Justiça e lealdade, e proporcionar-lhes também uma pequena experiência do que poderão vir a ser mais tarde os seus deveres cívicos de jurados ou de testemunhas. O Tribunal de Honra do Grupo é outro meio para o mesmo fim, e como neste caso os rapazes têm verdadeira responsabilidade como membros do Tribunal, a seriedade das suas opiniões impõe-se-lhes ainda

mais e estimula-os a ponderar bem sobre a decisão a tomar, depois de ouvidos os argumentos das duas partes.

Assim o Chefe que se servir do seu engenho para inculcar a lealdade, a abnegação e a consciência do dever para com os outros, pode aproveitar oportunidades sem conta, quer dentro, quer fora de casa, para formar os seus Escutas. De todos os problemas de que estamos a tratar, creio ser este um dos mais importantes para o exercício da democracia, embora receie tê-lo abordado apenas muito por alto.

● Disciplina

Para ser próspera, uma Nação tem de ser disciplinada, e a disciplina das massas só se consegue pela disciplina individual. Por disciplina quero dizer obediência à autoridade e a outros ditames do dever.

Não se consegue por meios repressivos, mas por estímulo e educando primeiro o rapaz a ser disciplinado e a sacrificar-se, bem como aos seus prazeres pessoais, em benefício dos outros. Este ensino é muito eficaz por meio do exemplo, pela atribuição de responsabilidade ao rapaz e pela existência de um elevado nível de correspondência à confiança nele depositada.

A responsabilidade atribui-se em larga escala pelo Sistema de Patrulhas, no qual se considera o Guia responsável pelo que se passa com os seus rapazes.

Sir Henry Knyvett, em 1596, preveniu a Rainha Isabel de que o Estado que deixa de preparar e disciplinar a mocidade produz não só soldados ou marinheiros inúteis, mas o mal muito maior de cidadãos igualmente inúteis para a vida civil; ou, como ele se exprime, «pela falta de verdadeira disciplina tanto a honra como a riqueza do Príncipe, assim como do país, fica desesperada e fútilmente arruinada».

A disciplina não se consegue castigando a criança por um mau hábito, mas atribuindo-lhe uma ocupação melhor que lhe absorva a atenção e a leve gradualmente a esquecer e a abandonar a velha.

O Chefe deve insistir na disciplina e obediência rigorosa e pronta em pequenas coisas. Permita-se que os rapazes corram

à solta apenas quando têm autorização para isso — coisa que é conveniente fazer de quando em quando.

● Sentido da Honra

A *Lei do Escuta* é a base em que assenta toda a formação Escutista.

Os seus diversos artigos precisam de ser plenamente explicados e esclarecidos aos rapazes por exemplos práticos e simples da sua aplicação na vida quotidiana.

Não há ensino que se possa comparar com o do exemplo. Se o próprio Chefe-Escuta proceder em manifesta conformidade com a Lei do Escuta em todas as suas acções, os rapazes não tardarão a seguir-lhe o exemplo.

Este exemplo reveste-se ainda de maior poder, se o Chefe-Escuta fizer a promessa Escutista, do mesmo modo que os seus rapazes.

O primeiro artigo, ou seja *A honra do Escuta inspira confiança* (O Escuta merece confiança), é aquele de que depende todo o futuro procedimento e disciplina do Escuta. Espera-se que o Escuta seja recto. Por isso o Chefe deve explicá-lo previamente com todo o cuidado aos seus rapazes, antes de fazerem a promessa Escutista.

A investidura do Escuta realiza-se propositadamente com certo cerimonial, visto que um pouco de ritual desse tipo, se for efectuado com solenidade rigorosa, impressiona o rapaz, e, em vista da grande importância da ocasião, está plenamente justificado que ele se impressione tanto quanto possível. Depois, é de grande importância que o Escuta faça periodicamente a revisão da Lei. Os rapazes têm a tendência para esquecer, e nunca se deve permitir que o rapaz que fez a promessa solene de cumprir a Lei Escutista não seja capaz, em qualquer ocasião, de dizer qual ela é.

Uma vez que o Escuta compreenda o que vem a ser a sua honra e se tenha comprometido por ela, no acto de iniciação, o Chefe precisa de confiar absolutamente nele. Precisa mostrar-lhe, pelo seu procedimento, que o considera ser responsável. Encarregue-o de qualquer tarefa, quer temporária, quer permanente, e conte com que ele cumpra fielmente a sua missão. Não ande a

espreitar como ele o faz. Deixe que o faça a seu modo, deixe que ele cometa uma asneira, se preciso for, mas em qualquer caso deixe-o só e confie em que ele há-de esforçar-se ao máximo. A confiança deve ser a base de toda a nossa formação moral.

A atribuição de responsabilidade é a chave do êxito com os rapazes, especialmente com os mais turbulentos e difíceis.

A finalidade do Sistema de Patrulhas é principalmente atribuir autêntica responsabilidade a tantos rapazes quantos seja possível, com o fim de lhes formar o carácter. Se o Chefe-Escuta conceder verdadeira autoridade ao seu Guia de Patrulha, esperar muito dele e lhe deixar inteira liberdade no cumprimento da sua missão, terá feito mais a favor da expansão do carácter desse rapaz do que todo o ensino escolar poderia fazer.

● Confiança em si próprio

O rapaz não aproveita realmente todo o valor da formação Escutista, enquanto não for Escuta de Primeira Classe. As provas para Escuta de Primeira Classe foram elaboradas com a ideia de que o rapaz que se mostrasse assim habilitado, poderia razoavelmente considerar-se bem alicerçado nas qualidades que servem para formar um cidadão bom e viril.

A medida que o rapaz tem a consciência de já não ser Pata-Tenra, mas indivíduo responsável e merecedor de confiança, com o poder de agir, adquire confiança em si próprio. A esperança e a ambição começam a despertar nele.

Não pode deixar de sentir-se mais capaz do que dantes, e por isso terá em si aquela confiança que lhe incutirá, em ocasiões de aperto na luta pela vida, a esperança e ousadia que o estimularão a ser persistente até alcançar o êxito.

Primeiros socorros, serviço de bombeiro ou a construção de carroças ou de pontes, contribuem para a habilidade manual e esforço intelectual, visto que o rapaz, ao trabalhar em cooperação com os outros, é responsável pela parte que lhe compete na tarefa.

A natação tem o seu valor educativo — mental, moral e físico — dando-nos a sensação de domínio sobre um elemento e da possibilidade de salvar vidas e desenvolvendo-nos a respiração e os membros.

Quando instrua a Polícia Montada Sul-Africana, eu costumava enviar as praças aos pares a fazerem, a cavalo, longos percursos de duzentas ou trezentas milhas, para aprenderem a desembaraçar-se por si e a servirem-se da inteligência.

Mas, quando tinha um aprendiz um tanto obtuso, mandava-o só, sem outro a quem se encostasse, a orientar-se sozinho, tomar providências para se alimentar a si e ao cavalo e elaborar o relatório da expedição desajudado. Era o melhor processo de ganhar



Ajudaí o rapaz a ganhar confiança em si mesmo, a desembaraçar-se, a «remar o seu próprio barco» — isto é, olhar para a frente e traçar o seu caminho na vida.

a confiança em si mesmo e de utilizar a própria inteligência. E este princípio posso confiadamente recomendá-lo aos Chefes-Escutas para a formação dos seus rapazes.

De todas as escolas, o acampamento é, sem sombra de dúvida, a melhor para incutir nos rapazes os necessários atributos de carácter. O ambiente é sadio, os rapazes andam entusiasmados e vivos, todos os interesses da vida os rodeiam, e o Chefe tem-nos permanentemente à sua disposição, dia e noite. É no acampamento que o Chefe tem a melhor oportunidade para observar e descobrir as características individuais de cada um dos seus rapazes e depois

orientá-las devidamente no seu desenvolvimento; ao mesmo tempo que os próprios rapazes adquirem as qualidades formativas do carácter inerentes à vida do acampamento, onde a disciplina, o desembaraço, o engenho, a confiança em si próprio, a habilidade manual, o conhecimento da selva, a arte do marinheiro, o sentido da camaradagem, os conhecimentos da Natureza, etc., todos podem ser absorvidos sob a direcção alegre e compreensiva do Chefe inteligente. Uma semana desta vida vale seis meses de ensino teórico na sala de conferências, por muito valor que este tenha.

Por isso, é altamente aconselhável que os Chefes-Escutas que não tenham tido grande experiência neste campo se dediquem ao estudo do campismo nos seus vários aspectos.

● O prazer de viver

Por que razão se considera Actividade Basilar no Escutismo o Conhecimento da Natureza?

É ponto em que reside a diferença entre a acção Escutista e a do vulgar clube de rapazes.

É fácil a resposta: «Queremos ensinar aos rapazes não apenas a ganhar a vida, mas a saber viver» — isto é, no sentido mais elevado, a saber apreciar a vida.

O conhecimento da Natureza, como provavelmente tenho insistido até demais, oferece-nos o melhor meio de despertar a atenção e pensamentos dos rapazes, e ao mesmo tempo, se este aspecto não for descurado pelo Chefe, dá-lhes o poder de apreciar as belezas da Natureza, e, conseqüentemente, da arte, que os leva a uma alegria superior de viver.

E isto além da compreensão de Deus Criador através da Sua Obra maravilhosa, a qual, quando conjugada com o cumprimento activo da Sua vontade em serviço dos outros, constitui a base concreta da religião.

Alguns anos atrás, encontrava-me eu na sala-de-estar de um amigo que acabava de morrer, e, pousado sobre a mesa, ao lado do cachimbo e bolsa do tabaco abandonados, estava um livro de Richard Jefferies — *Field and Hedgerow* (Campos e Sebes), em que havia uma página dobrada que dizia: «O conceito de bem moral não satisfaz inteiramente. A sua forma mais elevada que

conhecemos actualmente é o puro altruísmo, a prática do bem, não por qualquer recompensa presente ou futura, nem para conclusão de qualquer projecto imaginário. É o melhor que conhecemos, mas que pouco satisfatório! Precisa-se de um meio que satisfaça mais plenamente o desejo mais íntimo do coração do que o que nos é dado por qualquer obra de abnegação. Precisa de ser coisa que condiga com a percepção de beleza e de um ideal. A virtude pessoal não basta. Embora eu não saiba dar um nome ao bem ideal, parece-me que este deve estar de algum modo intimamente associado à beleza ideal da Natureza.»

Por outras palavras, pode afirmar-se que a felicidade é produto da consciência íntima e do sentido externo em estreita colaboração. Realiza-se quando a consciência, assim como os sentidos em conjunto, ficam satisfeitos. Se a definição acima citada é verdadeira, o inverso é pelo menos igualmente certo — a saber, que a apreciação da beleza não pode dar-nos a felicidade, se não tivermos a consciência tranquila. De modo que, se quisermos que os nossos rapazes alcancem a felicidade na vida, precisamos de incutir neles a prática de fazer bem aos seus semelhantes, e além disso o apreço do belo da Natureza.

O caminho mais curto para este último é pelo conhecimento da Natureza:

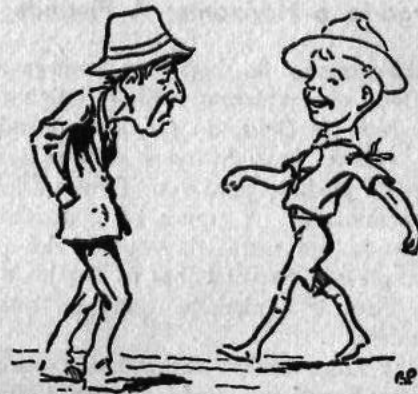
«...livros nas águas correntes,
Sermões nas pedras, e o bem em tudo.»

À grande massa dos rapazes nunca lhes abriram os olhos, e ao Chefe é concedida a alegria de realizar esta valiosa operação.

Uma vez que o germe da ciência dos bosques tenha entrado no entendimento de um rapaz, a observação, memória e dedução desenvolvem-se automaticamente e tornam-se-lhe parte do carácter. Estas ficam, sejam quais forem as ocupações a que ele mais tarde se dedique.

À medida que as maravilhas da Natureza se revelam ao jovem entendimento, também se lhe podem indicar as suas belezas que vão sendo igualmente reconhecidas. Quando o apreço da beleza se tiver introduzido no espírito, automaticamente se desenvolve, exactamente como a observação, e faz raiar a alegria no ambiente mais sombrio.

Se me é permitido fazer nova digressão, foi num dia escuro, áspero e nevoento na grande estação sombria de Birmingham. Seguíamos apressados no meio da multidão de operários enfarruscados e soldados lamacentos e sujos da viagem. Todavia, ao abrirmos caminho através da multidão, eu estremei e voltei-me, prossegui, voltei-me de novo, e, finalmente, quedei-me um bom pedaço a saciar os olhos antes de continuar. Suponho que os meus companheiros não tinham dado por nada, mas eu vira uma réstea de sol naquele buraco sujo, que deu novo prazer ao dia. Fora apenas uma enfermeira de uniforme castanho e opulenta cabeleira fulva, com um grande braçado de crisântemos amarelos e castanhos. Nada de extraordinário, direis. Não, mas para aqueles que têm olhos de ver estas claridades existem mesmo na pior das trevas.



Se um rapaz se habituar a mostrar-se de cara alegre na rua, já faz muito. Reanima grande número dos transeuntes. Levar o rapaz a fazê-lo com o fim de espalhar felicidade é coisa que vale a pena tentar.

Está demasiado espalhada a ideia de que os rapazes são incapazes de apreciar a beleza e a poesia; mas recordo-me de estarem uma vez a mostrar a uns rapazes um quadro de uma paisagem batida pela tempestade, do qual Ruskin escrevera que em toda a cena de vendaval havia apenas um sinal de paz. Um dos moços apontou logo para um pedacinho de calmo céu azul

que se avistava através de uma aberta na massa impetuosa de nuvens.

A poesia também atrai de modo que é difícil de explicar, e quando o belo começa a lançar raiz, o espírito juvenil parece aspirar a exprimir-se em coisa melhor que a prosa de todos os dias.

É evidente que se pode encontrar na prosa alguma da melhor poesia, mas esta anda mais geralmente associada com o ritmo e rima. Todavia o jovem aspirante a poeta tem a tendência para dirigir o seu maior esforço para a rima, e por isso o chefe vê que lhe lançam em cima os mais pavorosos versos de pé quebrado, quando tenta encaminhar os moços para a poesia.

Desvie-os do verso de pé quebrado, se puder. É mal que alastra por toda a parte.

● **Alarga-se o Horizonte: A Piedade**

O alargamento do horizonte começa naturalmente pelo respeito a Deus que podemos melhor designar por «Piedade».

O respeito de Deus, do próximo, de nós próprios como servos de Deus, está na base de todas as formas de religião. O modo de expressão de piedade para com Deus varia com as diversas crenças e denominações. A crença ou confissão a que um rapaz pertence depende, em regra, da vontade dos pais. São eles que decidem. Cumpre-nos respeitar-lhes os desejos e secundar-lhes os esforços para inculcar a piedade, qualquer que seja a religião que o rapaz professe.

Podem surgir muitas dificuldades sobre a definição do ensino religioso no Escutismo, onde existem tantas confissões diferentes, e os pormenores da expressão dos deveres para com Deus têm, por isso, de ficar em grande parte ao arbítrio da autoridade local. Mas não há dificuldade nenhuma em sugerir a linha de conduta no aspecto humano, visto que o dever para com o próximo está incluído em quase todas as formas de crença.

É a seguinte a atitude do Escutismo respeitante à religião, aprovada pelos Chefes de todas as confissões representadas no nosso Conselho Nacional:

«(a) Espera-se que todo o Escuta pertencerá a uma confissão religiosa e tome parte nos actos do seu culto;

«(b) Quando um Grupo se compõe de elementos de uma só crença religiosa, espera-se que o Chefe-Escuta assegure as práticas e instruções religiosas que ele, de acordo com o capelão ou outra autoridade religiosa, considere as melhores;

«(c) Quando um Grupo consta de Escutas de várias religiões, devem estes ser instigados a assistir aos actos de culto da sua própria confissão, e, em acampamentos, qualquer forma de oração diária e de culto semanal deverá ser o mais simples possível e a assistência a eles voluntária.»

Se o Chefe adoptar estes princípios para orientação sua, não poderá enganar-se muito.

Estou absolutamente convencido de que há mais de uma maneira de inculcar a piedade. A solução depende do carácter e condições individuais do rapaz, quer se trate de um «rufia» quer de um «mimalho». A formação que convenha a um pode não ter grande efeito sobre o outro. Compete ao educador, quer este seja o Chefe ou o Assistente, optar pela formação conveniente.

A religião «pega-se» não «se ensina». Não é trajo exterior para usar ao domingo. É factor genuíno do carácter do rapaz, desdramamento da alma e não verniz que se descola. É assunto de personalidade, de convicção íntima, não de instrução.

Falando por considerável experiência pessoal, pois me passaram pelas mãos alguns milhares de jovens, cheguei à conclusão de que as acções de grande parte da nossa gente são actualmente muito pouco guiadas por convicções religiosas.

Este facto pode atribuir-se em grande parte à circunstância de que se recorreu muitas vezes à *instrução* em vez de à *educação* para a formação religiosa do rapaz.

A consequência foi que os melhores rapazes da aula de Bíblia ou da Escola Dominical aprenderam as ideias, mas em muitos casos, aferrados à letra, não atingiram o espírito do ensino e transformaram-se em fanáticos de perspectiva estreita, ao passo que a maioria nunca se entusiasmou realmente e, logo que saiu da aula ou da escola, caiu na indiferença e na irreligião, e não houve quem a detivesse no período crítico da vida, ou seja desde os dezasseis aos vinte e quatro anos de idade.

Nem a todos é dado serem bons professores de religião, e muitas vezes os mais solícitos são os menos capazes — e isto sem o saberem.

Nós temos, felizmente, um número razoável de homens excepcionalmente qualificados nesta matéria, entre os Chefes, mas há-de por certo haver muitos que duvidam da própria capacidade, e quando alguém assim pensa faz bem em conseguir um capelão, ou outro mestre experimentado, para o seu Grupo.

Do ponto de vista prático, porém, o Chefe-Escuta poderá em qualquer caso fazer muitíssimo para auxiliar o mestre de religião, precisamente como pode ajudar o professor primário chamando a atenção dos rapazes, tanto no campo como na sede, para as aplicações práticas que em teoria aprenderam na escola.

Em Grupos confessionais há em regra um Capelão de Grupo, e o Chefe deve consultá-lo em todas as questões de instrução religiosa. Para a formação religiosa pode realizar-se um acto ou uma aula com esse fim exclusivo. É reunião de Escutas para prestar culto a Deus e promover melhor compreensão da Lei e da Promessa Escutistas, mas é acto complementar e não substituto de actos regulares de culto religioso.

Muitos dos nossos Grupos, porém, são mistos e têm rapazes de diferentes crenças nas suas fileiras. Neste caso, os rapazes devem ser enviados aos respectivos pastores para fins de instrução religiosa confessional.

Outros Grupos de bairros sórdidos e de zonas menos favorecidas têm moços praticamente sem religião alguma e os pais pouco ou nada os ajudam nesse campo. Naturalmente, estes requerem tratamento e métodos de formação diferentes dos aplicáveis a rapazes em quem a religião assenta em bases seguras.

Também aqui o Escutismo colabora praticamente com o professor, e tem já dado resultados excepcionalmente bons.

O Escutismo pode ajudar por meio dos factores seguintes:

- a) Exemplo pessoal do Chefe-Escuta;
- b) Estudo da Natureza;
- c) Boas Acções;
- d) Retenção do rapaz mais velho.

a) *Exemplo Pessoal* — Não há dúvida de que, aos olhos dos rapazes, importa mais aquilo que um homem *faz* do que aquilo que ele diz.

O Chefe-Escuta tem, portanto, sobre os ombros a grande responsabilidade de fazer o que é recto por motivos rectos, e de fazer ver que assim procede, mas sem fazer ostentação do facto. Neste caso, a atitude de irmão mais velho impressiona mais do que a de mestre.

b) *Estudo da Natureza* — A observação da Natureza faz-nos sermões; por exemplo, na vida das aves, a formação de cada uma das penas idêntica à da mesma espécie a 10 000 milhas de distância, a migração, o feitio dos ninhos, o colorido do ovo, o crescimento dos filhos, os cuidados maternos, a alimentação, a faculdade de voar — tudo efectuado sem o auxílio do homem, mas pela lei do Criador; para os rapazes não há melhores sermões.

As flores em suas ordens e as plantas de todas as espécies, os seus botões e casca, os animais com os seus hábitos e espécies; depois as estrelas do céu, de posições determinadas e movimentos ordenados no espaço, dão a cada um o primeiro conceito do Infinito e do vasto plano do Criador, no qual o homem pouca importância tem. Tudo isto fascina os rapazes e solicita-lhes, em grau absorvente, a curiosidade e faculdade de observação e leva-os a reconhecer directamente a mão de Deus neste mundo de maravilhas, contanto que alguém os inicie nele.

A mim o que mais me admira é haver professores que descuram este meio fácil e infalível de *educação* e procurem impor a *instrução* Bíblica como primeiro passo para conseguir que o rapaz irrequieto e animoso pense em coisas elevadas.

c) *Boas Acções* — Com um bocadinho de apoio por parte do Chefe, a prática da boa acção diária cedo se transforma numa espécie de moda elegante com os rapazes, e é o melhor de todos os meios para fazer cristãos de facto e não apenas de teoria. O rapaz tem um instinto natural para o bem, contanto que veja o modo prático de o realizar, e esta prática da boa acção vai ao encontro desse instinto e desenvolve-o, e desenvolvendo-o desperta o espírito de caridade cristã para com o próximo.

Esta manifestação da vontade para o bem é mais eficaz, mais natural ao rapaz e está mais de acordo com o método Escutista do que a aceitação passiva de preceitos instrutivos.

d) *Conservação do rapaz mais velho* — Logo que o rapaz vulgar adquire na escola o conhecimento da leitura, da escrita e da aritmética, é largado para o mundo e considerado apto e preparado para seguir uma profissão como bom cidadão prestável. Depois de sair da escola, o rapaz dispõe geralmente de excelentes escolas técnicas, assim como de cursos nocturnos, se quiser frequentá-los, ou se os pais insistirem em que ele os frequente depois de terminado o seu trabalho diurno. Os melhores assim procedem e acabam por conseguir uma boa cultura.

Mas que dizer dos médios e dos maus? Deixam-nos andar à deriva precisamente naquele período da vida em que mais precisam de continuar a aperfeiçoar-se naquilo que andaram a aprender, justamente na fase da sua transformação física, mental e moral naquilo que virão a ser para o resto da vida.

É neste ponto que o Escutismo tanto pode fazer em benefício do mancebo, e é para esta obra importante que estamos a empregar todos os esforços para organizar os Escutas Seniores com o fim de reter o rapaz, de continuarmos em contacto com ele, e de inculcar nele os melhores ideais nesta sua encruzilhada para o bem ou para o mal.

● Sentimento da Dignidade

Ao falarmos das formas de respeito que o rapaz deve ser instigado a praticar, não podemos omitir a importante forma de respeito por si mesmo, isto é, o sentimento da dignidade própria na sua forma mais elevada.

Também este pode ser inculcado pelo estudo da Natureza, como passo inicial. A anatomia das plantas, das aves ou dos mariscos pode estudar-se e reconhecer-se como obra do Criador. Depois pode estudar-se à mesma luz a anatomia própria do rapaz; o esqueleto e a carne, músculos, nervos e tendões formados sobre ele, a circulação do sangue e a respiração, o cérebro e o comando da acção, tudo repetido, até aos mínimos pormenores, em milhões de seres humanos, sem que, todavia, haja dois exactamente iguais

em rosto ou impressões digitais. Enalteça-se no rapaz a ideia do corpo maravilhoso que lhe foi dado para conservar e desenvolver como obra e templo de Deus; obra que é fisicamente capaz de trabalho útil e feitos heróicos, se for guiada pelo sentimento do dever e cavalheirismo, ou seja, por elevado sentimento moral.

E assim se gera o sentimento da dignidade própria.

Isto, evidentemente, não se há-de pregar ao jovem em muitas palavras e deixá-lo depois a frutificar, mas deve manifestar-se e esperar-se em todas as nossas relações com ele. Pode promover-se especialmente atribuindo responsabilidade ao rapaz e confiando em que ele, como pessoa digna, cumprirá o seu dever o melhor que puder, e tratando-o com respeito e consideração, sem o estragar.

● Lealdade

Além da devoção para com Deus e para com o próximo, a lealdade para com a Pátria é essencial.

A lealdade para com a Pátria é valiosíssima para manter em equilíbrio e devidamente orientadas as ipiniões dos cidadãos. As atitudes externas, tais como a saudação à Bandeira, a posição de pé ao Hino Nacional, etc., contribuem para a criar, mas o essencial é o desenvolvimento daquele espírito em que tais manifestações se baseiam.

A lealdade para consigo mesmo por parte do rapaz — isto é, para com a própria consciência bem formada — é o grande passo para a compreensão de si mesmo. A lealdade para com os outros manifesta-se mais por atitudes e acções do que por palavras. O serviço dos outros e o altruísmo hão-de necessariamente incluir a disposição para servir a Pátria, se surgir a necessidade de a defender de agressão estrangeira; é dever de todo o cidadão. O que não quer dizer que precisa de nutrir em si espírito sanguíneo ou agressivo, nem que o rapaz necessita de instrução militar e ideias belicosas. Isto pode adiar-se até que ele atinja a idade de julgar por si.



Crie-se no rapaz o interesse por exercitar regularmente o corpo e membros.

II. SAÚDE E FORÇA

É incalculável o valor da saúde e vigor, tanto para seguir uma carreira como para apreciar a vida. É facto evidente. No campo da educação pode considerar-se de maior valor do que os conhecimentos livrescos e quase do mesmo valor que o «Carácter».

No Escutismo muito podemos fazer pelos rapazes procurando inculcar-lhes hábitos de saúde e higiene pessoal, que tão necessários são a todo o cidadão útil.

Devemos impor-nos a tarefa de criar nos rapazes o gosto pelo atletismo e mostrar-lhes ao mesmo tempo que precisam primeiro de assegurar a saúde física, antes de poderem entregar-se a exercícios físicos violentos. Este resultado consegue-se pela alimentação simples apropriada e pelos cuidados higiénicos pessoais, de limpeza, respiração pelo nariz, descanso, vestuário, hábitos regulares, continência, etc. Precisamos de evitar que se tornem cismáticos imaginando-se sujeitos a doenças, etc., mas apresentar-lhes a aptidão para o desporto como objectivo do culto da saúde.

Com meia hora apenas por semana na reunião ordinária do Grupo Escutista não é possível ministrarmos a devida instrução física, mas o que podemos é convencer o rapaz a responsabilizar-se

PESSOALMENTE PERANTE SI MESMO PELA SUA SAÚDE — como há-de consegui-la e conservá-la; podemos também ensinar-lhe alguns exercícios que o ajudarão a desenvolver as forças se quiser executá-los oportunamente; e podemos despertar-lhe o interesse por actividades e jogos de ar livre, que lhe não servirão apenas de divertimento, mas serão também de valor prático para o tornar sadio, forte e saudável para toda a vida.

A saúde física envolve a saúde dos nervos e a de espírito. Neste ponto a nossa formação do carácter encontra-se com a formação física.

CONSERVAI-VOS EM BOA FORMA!

Revelam estudos feitos que há enorme percentagem de incapazes entre os nossos cidadãos, os quais, com um pouco de cuidado e compreensão, poderiam ser homens sadios e prestáveis. Alguns dos relatórios sobre a saúde de crianças das escolas mostram que uma em cada cinco sofre de defeitos que a impedirão de ser útil de futuro — defeitos, reparem bem, que se poderiam ter evitado.

Estes dados são altamente sugestivos e indicam logo o mal e o remédio; se tomássemos conta do rapaz a tempo, dezenas de milhares poderiam aproveitar-se todos os anos e tornar-se cidadãos robustos e capazes, em vez de arrastarem uma existência miserável e quase inútil.

É problema de importância tanto nacional como individual.

Fala-se muito em alargar a instrução física da nova geração em bases muito mais amplas, e neste sentido abre-se-nos um vasto campo de acção.

Mas desejo prevenir os Chefes de que se não deixem levar, pela vozeria, por caminho errado.

Vê-se pelo quadro da página 35 como e por que razão o *Carácter* e a *Saúde Física* são dois dos objectivos principais do Escutismo e também quais os meios com que procuramos atingi-los.

Mas lembrai-vos de que a saúde física não resulta necessariamente de exercícios físicos.

A educação física ministrada no Exército foi cuidadosamente estudada, e é excelente para o seu fim. É apropriada ao sistema

muscular já formado do *adulto*, e os soldados melhoram extraordinariamente com tal regime intensivo de exercícios.

Mas muitas vezes é artificial, destinada a remediar aquilo que não foi naturalmente adquirido.

Deus não inventou as «sacudidelas» físicas. O guerreiro Zulo, embora espécime esplêndido, nunca praticou a ginástica sueca. O rapaz normal, que joga futebol e se mantém em forma por meio de exercícios físicos de vez em quando, é raro precisar da ginástica para seu desenvolvimento.

São os bons jogos de ar livre, as excursões a pé, os acampamentos, e a alimentação sadia, acompanhada do necessário descanso que proporcionam ao rapaz saúde e vigor natural e não artificialmente.

Ninguém discordará deste asserto. É simplicíssimo em teoria, mas na prática há dificuldades a vencer.

O nosso jovem cidadão ou operário fabril que trabalha todo o dia, não pode sair a jogar um jogo ao ar livre. O trabalhador e o rapaz do campo deviam, por direito próprio, ter maior probabilidade, visto que vivem mais ao ar livre, mas raro acontece que um rapaz do campo saiba jogar um jogo ou até correr!

É espantoso verificar o número insignificante dos que sabem correr!

O passo natural, fácil e leve, apenas se adquire com a prática da corrida. Sem ele o pobre rapaz adquire ou o caminhar lento e pesado do labrego, ou o patinhar arrastado do cidadão (e como o carácter se revela no andar dum homem!).

● Jogos Organizados

Um dos objectivos do Escutismo é apresentar jogos e actividades de conjunto que possam favorecer a saúde e robustez do rapaz e contribuam para lhe formar o carácter. Estes jogos precisam de ser atraentes e competitivos e é por meio deles que podemos incutir os princípios da coragem, obediência aos regulamentos, disciplina, auto-domínio, presteza, fortaleza, aptidão para a chefia e colaboração abnegada.

Exemplos destes jogos e práticas são: escaladas de todos os tipos, de escadas, cordas, árvores, rochedos, etc., concursos de

passagem de poldras e de equilíbrio sobre tábuas; corridas de obstáculos sobre varas sustentadas em forquilhas; «o enfarruscado» para apurar e fortalecer a vista; lançamento e recolha da bola; soco; luta greco-romana, natação, pedestrianismo, salto da corda, luta a pé coxinho, corridas de estafetas, luta-de-galo, danças populares, canções e melopeias de acção, etc. Estas e muitas outras actividades oferecem um vasto e variado programa de concursos entre Patrulhas, que um Chefe dotado de imaginação pode utilizar à vez para desenvolver os aspectos físicos necessários.

Estes vigorosos jogos Escutistas são, a meu ver, a melhor forma de educação física, porque a maioria deles contribuem também para a educação moral, e a maior parte deles nada custam nem exigem campos bem conservados, aparelhagem, etc.

É importante organizar, tanto quanto possível, os jogos e concursos, de tal modo, que todos os Escutas participem, visto que não pretendemos ter apenas um ou dois jogadores brilhantes entre o resto de inaptos. Todos devem exercitar-se e todos devem ser razoáveis jogadores. Os jogos devem organizar-se principalmente para concursos de equipas, nos quais a Patrulha constitui a equipa. Nas competições em que as inscrições sejam em número suficiente para haver eliminatórias os jogos sucessivos devem fazer-se entre os vencidos, em vez de o serem, como é costume, entre os vencedores, e o jogo deve ter em vista averiguar quais são os piores, em vez de quais os melhores. Um homem brioso esforçar-se-á tanto para não ficar em último lugar como o faria para ganhar o prémio, e este tipo de competição faculta mais exercício aos mais fracos.

No Escutismo podemos ensinar todos os rapazes — da cidade ou do campo — a serem *jogadores* de grupos, e assim a apreciar a vida e ao mesmo tempo a fortalecer-se tanto física como moralmente.

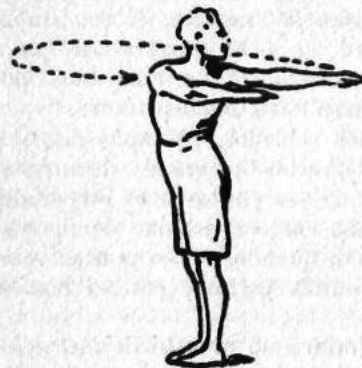
● Exercícios Físicos

Os exercícios físicos são uma forma intensiva de desenvolvimento, quando se não dispõe de boa ou frequente oportunidade para jogos, e podem bem servir de complemento a estes, contanto que:

1. Não se transformem inteiramente em exercícios de conjunto, mas sejam coisa que cada rapaz possa realmente compreen-

der e queira executar por si mesmo *por causa do bem que sabe tirar deles*.

2. O instrutor tenha alguns conhecimentos de anatomia e dos possíveis males de muitos dos movimentos sobre o corpo juvenil em formação. Os seis exercícios físicos apresentados em *Escutismo para Rapazes* podem ministrar-se sem qualquer perigo para o jovem



Faça sentir-se a cada rapaz que é ser responsável, e por isso responsável pela conservação do seu corpo e saúde; que faz parte integrante dos seus deveres para com Deus desenvolver ao máximo o seu corpo.

por Chefes que não sejam especialistas de anatomia, etc. (Estes exercícios devem ser feitos pelo próprio Escuta — uma vez que saiba efectuar os devidos movimentos e respiração — em casa, à hora que quiser, e não devem fazer parte rotineira de uma reunião de Grupo).

Devemos fazer todo o possível por levar o rapaz a interessar-se pela exercitação regular do corpo e dos membros e pela prática de provas difíceis, com coragem e paciência, até executá-las bem!

É boa norma, por exemplo, que cada Patrulha estabeleça mínimos para certos exercícios simples como «salto em altura a pés juntos», «triplo salto», «atirar o saco», e outros, para que cada Escuta procure aumentar a sua capacidade e atingir melhor nível.

Depois um uniforme qualquer de equipa atrai os rapazes, promove o *esprit de corps* na sua actividade atlética, e, incidentalmente, implica a mudança de roupa antes e depois do jogo, aconselha uma fricção do corpo — um banho — limpeza.

«A maneira de conservar a forma» não tarda a ser assunto pelo qual o jovem atleta se interessa especialmente, e poderá servir

de base a proveitosos ensinamentos sobre cuidados pessoais, valor dos alimentos, higiene, continência, temperança, etc., etc. Tudo isto faz parte da *educação física*.

● Exercícios de Conjunto

Há muito quem advogue os exercícios físicos de conjunto para melhor realizar o desenvolvimento físico dos rapazes. Já em tempos me ocupei muito com estes exercícios, e, se há quem pense que a força física e aprumo dum rapaz dependem de uma hora por semana de exercícios, há-de colher resultados desalentadores.

A educação física ministrada aos soldados, dia após dia, durante meses seguidos, produz indubitavelmente grande desenvolvimento físico. Mas os instrutores — que são peritos bem preparados — têm os alunos continuamente a seu cargo e debaixo de rigorosa disciplina, e até eles erram de vez em quando, e não poucas vezes se produzem colapsos cardíacos e outras perturbações no homem adulto e já formado.

Além disso, o exercício de conjunto é só questão de *instrução*, de meter à força nos rapazes, e não é de forma nenhuma *educação* em que aprendem por si próprios.

Quanto aos exercícios de conjunto para os Escutas, já tenho frequentemente lembrado aos Chefes que os devem evitar em excesso, bem entendido. Além das objecções militaristas por parte de alguns pais, somos contrários a eles, porque um Chefe menos capaz não consegue ver a finalidade elevada do Escutismo (ou seja, o desenvolvimento do indivíduo), e não tendo a originalidade de o ensinar, mesmo que o visse, recorre aos exercícios de conjunto como meio fácil de incutir nos rapazes certo aprumo para fazerem figura numa parada ou desfile.

Ao mesmo tempo, há Chefes que uma vez por outra se excedem em sentido contrário, e permitem que os seus rapazes andem desleixados e dispersos sem qualquer disciplina ou aprumo que se veja. Isto é pior. Precisamos de um meio termo — a instrução precisamente suficiente para lhes mostrar o que deles se requiere em aprumo e apresentação, e um fundo de espírito de equipa que os leve a esforçar-se e a proceder como homens pela honra do seu Grupo. São necessários exercícios de conjunto ocasionais para man-

ter este aprumo, mas não devem exagerar-se à custa da formação Escutista de mais valor.

Todos os exercícios de conjunto que precisamos no Escutismo para aprumar os rapazes e pô-los a deslocar-se como homens e não como carneiros é a prática silenciosa de alguns minutos no começo de uma reunião ou um jogo ocasional de «Diz o Quim». Embora não queiramos pôr inteiramente de parte os exercícios de conjunto, muito preferível é o exercício de bombeiros, de tracção de carro escutista, lançamento de salva-vidas, construção de pontes e outros tipos de exercícios. Estes requerem a mesma perícia, agilidade e disciplina, com a diferença de que cada rapaz se está a servir da cabeça ao executar a parte que lhe cabe, para o êxito do conjunto. Além disso os concursos deste género despertam o maior interesse tanto nos rapazes como nos espectadores. Um outro ponto importante é que contribuem para criar o moral e a lealdade.

Deve ser «norma» dos rapazes nunca sentirem inveja ou falarem de arbitragem injusta ou da tática do adversário, quando o seu partido é derrotado, e por muito desiludidos que se sintam, não devem manifestar senão louvor cordial ao partido adverso. Esta atitude implica verdadeira auto-disciplina e abnegação, e promove em todos aquela boa disposição que tão necessária é para derrubar preconceitos.

Conheço um brioso regimento onde os recrutas tinham muito poucos exercícios; depois de uma vez lhes terem mostrado as atitudes a tomar diziam-lhes que, logo que as executassem automaticamente, seriam autorizados a sair e a divertir-se e fazer o serviço como soldados prontos. Dependia deles o aprumarem-se em vez de se lhes incutir o aprumo por meio de exercícios durante meses. Eles exercitavam-se por si e uns aos outros, e passavam a fase de recruta em menos de metade do tempo habitual.

Educação em oposição a instrução mais uma vez! Obtenha-se o resultado atribuindo ambição e responsabilidade às próprias praças. E é esse precisamente o processo, creio eu, de melhor realizar o desenvolvimento físico dos rapazes.

Mas, afinal, os jogos naturais, a vida ao ar livre, a alimentação sadia e o devido repouso, contribuem muito mais para criar rapazes saudáveis e bem desenvolvidos do que todos os exercícios físicos ou militares.

● O Ar Livre

A Força pelo Oxigénio. — Assisti uma vez a uma sessão de ginástica muito perfeita realizada por um Grupo Escutista na sua sede.

Foi exibição viva e perfeita, mas, com a breca, o ar não era nada puro! A falar com franqueza, «cheirava mal». A sala não tinha ventilação. Os rapazes actuavam como locomotivas, mas anulavam de facto os seus esforços ingerindo veneno, em lugar de fortalecerem o sangue.

O ar puro é meio caminho para produzir bons resultados com os exercícios físicos e será proveitoso absorvê-lo sempre que possível, tanto através da pele como pelo nariz.

De facto — o ar livre é o segredo do êxito. É para isso que o Escutismo serve — para desenvolver, tanto quanto possível, o hábito da vida ao ar livre.

Perguntei uma vez, numa grande cidade, a um Chefe-Escuta como é que ele organizava as suas excursões aos sábados, se ao parque ou ao campo?

Não chegava a realizá-las. Porque não? Porque os rapazes não lhes davam importância. Preferiam passar na sede as tardes de sábado!

Preferiam-no, evidentemente, os desgraçados; estavam acostumados a viver debaixo de telha. Mas é isso mesmo o que nos propomos impedir nos Escutas — a nossa finalidade é arrancá-los de casa para fora e tornar-lhes o ar livre atraente.

Alexandre Dumas *filis* escreveu: «Se eu fosse rei da França, não permitiria que qualquer criança de menos de doze anos viesse para a cidade. Até então os mocinhos teriam de viver ao ar livre — ao sol, nos campos, nos bosques, em companhia de cães e cavalos, cara a cara com a natureza, que fortalece o corpo, junta a inteligência ao entendimento, desperta a poesia na alma, e suscita neles a curiosidade, que vale mais para a educação do que todas as gramáticas do mundo.

«Haveriam de compreender os ruídos bem como os silêncios da noite; teriam a melhor das religiões — aquela que o próprio Deus revela no grandioso espectáculo das Suas maravilhas quotidianas.

«E aos doze anos de idade, fortes, magnânimos e compreensivos, estariam aptos a receber a instrução metódica, que seria então acertado ministrarlhes, e que facilmente se concluiria em quatro ou cinco anos.

«Infelizmente para os mocinhos, mas felizmente para a França, acontece que não sou Rei.

«O mais que posso fazer é dar este conselho e sugerir o método. O método é — fazer da educação física da criança o primeiro passo da sua vida».

No Escutismo especialmente, se porfiarmos no nosso *métier* próprio, devemos dar um grande passo neste sentido.

O ar livre é o verdadeiro objectivo do Escutismo e a chave do seu êxito. Mas com o excesso da vida cidadina arriscamo-nos a descurar o nosso objectivo e a regressar ao nosso tipo atávico.

Não formamos um Clube — nem uma escola dominical — mas uma escola dos bosques. Precisamos de sair mais para o ar livre a bem da saúde, quer do corpo quer da alma, do Escuta e do Chefe.

No Escutismo o acampamento é aquilo a que o rapaz aspira, e é a grande oportunidade do Chefe.

O acampamento não pode deixar de arrebatat todo o rapaz, com a sua vida ao ar livre e sabor sertanejo, com os seus expedientes culinários improvisados, os jogos através dos bosques ou da charneca, o seguimento de pistas, a orientação, o pioneirismo, as pequenas privações e os alegres cantares do fogo do conselho.

Precisamos de espaços ao ar livre, terrenos próprios, de preferência locais de acampamentos permanentes, de fácil acesso para todos os Escutas. À medida que a obra cresce, estes deveriam tornar-se instituições regulares em todos os centros de Escutismo.

Além de satisfazerem esta grande finalidade, tais acampamentos teriam um duplo valor. Poderiam formar centros de instrução para dirigentes, onde estes aprenderiam o campismo e a história natural, e acima de tudo poderiam deixar-se impregnar pelo gosto da vida ao ar livre — pela Fraternidade dos Bosques.

Nos últimos anos adquiriram-se muitos desses campos, para servirem de centros de preparação para dirigentes e de terrenos de campismo para os Escutas. Estes campos permanentes já provaram bem a sua utilidade para a vida de campo, mas precisamos de mais

e depressa, antes que todos os terrenos em redor das nossas cidades sejam adquiridos para construção.

Empreguei a expressão «vida de campo». Lembrai-vos de que a «vida de campo» é diferente de «vida em tendas».

Mostraram-me, ainda não há muito, um acampamento modelar de estudantes, no qual se viam fiadas de tendas muito bem montadas e perfeitamente alinhadas, com um belo e grande pavilhão-refeitório e instalações de cozinha perfeitas. Havia caminhos de tijolo e casas de banho e retretes de madeira. Fora tudo muito bem



O acampamento é essencial à formação adequada de um Grupo. Mas o acampamento precisa de ser activo e não uma escola de ociosidade sem objectivo.

projectado, e instalado por um empreiteiro. O dirigente que organizou tudo teve apenas de desembolsar certa quantia e nada mais. Foi coisa muito simples e prática.

A minha única objecção foi que se não tratava de campismo. O *viver debaixo de tendas* é coisa muito diferente do *campismo*. Qualquer asno, por assim dizer, é capaz de viver debaixo de tenda como parte do rebanho, onde tudo lhe fazem, mas, para o bem que, provavelmente, lhe fará, podia muito bem ter ficado em casa.

Sabemos que o que no Escutismo atrai os rapazes e ao mesmo tempo lhes serve de educação é o verdadeiro campismo — isto é, aquele para que eles preparam o seu próprio acampamento, até

ao ponto de previamente fabricarem as suas próprias tendas e aprenderem a cozinhar os próprios alimentos.

Depois a montagem das tendas em locais separados e recantos escolhidos, por Patrulhas, o serviço de abastecimento de água e de lenha, a preparação dos locais de banho, cozinhas de campo, latrinas, fossas de gordura e detritos, etc., a utilização de improvisações de campo, e o fabrico de utensílios e mobiliário, despertam vivo interesse e constituem ensino precioso.

Quando temos grande número de rapazes numa cidade de lona, somos obrigados a recorrer a exercícios de conjunto e a instrução especial como meio de ocupar a massa de participantes, ao passo que, com algumas Patrulhas, além dos seus trabalhos de campo, que lhes tomam grande parte do tempo, há constantes oportunidades de educação pela aquisição de conhecimentos da natureza e pelo desenvolvimento da saúde física e mental, por meio de corridas e caminhadas de corta-mato e pela vida de ar livre nos bosques.

O acampamento ideal para mim é aquele em que todos andam alegres e *ocupados*, em que as Patrulhas se mantêm intactas em todas as circunstâncias e todos os guias de Patrulha e Escutas sentem verdadeiro orgulho no seu acampamento e nas suas improvisações.

Num pequeno acampamento muito bem se pode fazer pelo exemplo do Chefe. Este vive no meio dos seus rapazes e é observado e inconscientemente imitado por cada um deles, provavelmente sem que ele dê por isso.

Se for indolente, eles sê-lo-ão também, se ele tiver a preocupação do asseio, tê-lo-ão igualmente; se ele for hábil em inventar abrigos de campo, eles rivalizarão com ele em tais inventos, e assim por diante.

Mas não vá ele fazer muito daquilo que compete aos próprios rapazes, e veja que eles o fazem — «quando quiserdes que uma coisa se faça não a façais vós» é a divisa apropriada.

Não queremos apenas acampamentos saudáveis e limpos, realizados de acordo com as instruções locais, mas acampamentos em que os rapazes mais se possam aproximar da vida e aventuras dum sertanejo.

● **Natação, Remo, Sinalização**

Natação — As vantagens da natação, entre muitas outras formas de educação física, são as seguintes:

O rapaz delicia-se com ela, e aprende com *entusiasmo*.

Passa a apreciar a limpeza.

Ao aprender a arte torna-se arrojado.

Ganha confiança em si, quando a domina.

Desenvolve o peito e os órgãos da respiração.

Desenvolve a musculatura.

Consegue a capacidade de salvar vidas e procura ocasiões para a utilizar.

O *remo* é também excelente para desenvolver os músculos e exerce grande atracção sobre o Escuta. Só é permitido a quem se tiver habilitado em natação, e serve assim de estímulo para muitos rapazes se exercitarem nesse sentido.

Sinalização — A prática da sinalagem, ao mesmo tempo que educa a inteligência do rapaz, está a facultar-lhe um valioso exercício físico, hora após hora, pela torsão do corpo e movimento de braços e com educação da vista, mas é prática que deve fazer-se ao ar livre, para que não degenerem em puro exercício de interior, falho de utilidade, de objectivo ou romantismo.

HIGIENE PESSOAL

● **Limpeza**

A limpeza, tanto interna como externa, é de fundamental importância para a saúde.

A fricção com uma toalha áspera molhada, quando o banho não é possível, é de suma importância inculcá-la como hábito aos rapazes. E também o hábito de lavar as mãos antes das refeições e depois da evacuação diária. A necessidade de limpeza escrupulosa pode bem inculcar-se pela prática da recomendação «Mata a mosca», não apenas como serviço público útil, que os Escutas podem prestar, mas também como meio de os iniciar na pequenez microscópica dos germes infecciosos transportados nas patas das moscas, e, assim mesmo, de tal efeito que envenenam as populações.

● **Alimentação**

A alimentação é facto da maior importância para o jovem na fase de crescimento, e todavia a tal respeito é profunda a ignorância dos pais, e, portanto, dos rapazes. É conveniente para o vigor e saúde dos rapazes — especialmente no acampamento — que o Chefe-Escuta saiba alguma coisa do assunto.

Pelo que diz respeito à quantidade, um rapaz entre os treze e quinze anos precisa de uns 80 por cento da ração dum adulto. Mas de bom grado despacha 150 por cento, se o deixarem.



Levai os rapazes a compreender que é coisa varonil ser puro. Conservai-os ocupados com actividades sãs — é o melhor meio para os ajudar a repelir pensamentos sujos e hábitos impuros.

● **Temperança**

A moderação no comer é quase tão necessária ao rapaz como a moderação no beber ao adulto. É boa lição de auto-domínio limitar o apetite, tanto em relação à quantidade como à natureza da alimentação — poucos sondaram já a capacidade do rapaz para embuchar toda a espécie de comida. O alvo a apresentar-lhe é a capacidade para a prática do atletismo.

A temperança torna-se assim elemento de formação, tanto moral como física.

● **Continência**

De todos os elementos da educação de um rapaz o mais difícil e um dos mais importantes é o da higiene sexual. O corpo, o entendimento e a alma, saúde, moralidade e carácter, estão todos impli-

cados no problema. É assunto que precisa de ser abordado com prudência da parte do Chefe-Escuta, conforme o carácter individual de cada caso. Ainda não é adequadamente tratado pelas entidades educativas. Mas é um daqueles que não podem ser descurados na educação do rapaz, e ainda menos na da rapariga.

Há ainda a vencer uma grande barreira de preconceitos e falso recato da parte dos pais e do público, e o facto tem de se reconhecer e tratar com toda a prudência. E, claro está, dever primário dos pais procurar que os filhos recebam a devida instrução, mas muitos deles fogem ao seu dever e depois inventam desculpas por assim procederem. Esta negligência é pouco menos que criminosa.

Como o Dr. Allen Warner escreve:

«No passado manifestou-se muitas vezes o receio de que tal ensino levasse a hábitos viciosos, mas não há prova de que assim seja, ao passo que a experiência mostra que a ignorância sobre o assunto já causou a ruína moral e física de muitas vidas».

O facto é por demais verdadeiro, e eu posso testemunhá-lo pela larga experiência que tive entre soldados e outras pessoas. A extensão da imoralidade secreta que hoje existe é na verdade coisa séria.

O próprio facto de que o assunto não pode abordar-se entre rapaz e adultos desperta a curiosidade e o resultado habitual é que o moço adquire os seus conhecimentos, de forma muito perversa, da boca de outro rapaz qualquer.

No livro *What a Boy Should Know* (O que um Rapaz deve Saber), os doutores Schofield e Jackson escrevem: — «O desenvolvimento sexual dos rapazes é gradual e é facto infeliz que os hábitos de abuso se começam e praticam constantemente em idade muito anterior. Se a segurança se garante pelo adágio «prevenir é melhor que remediar», é preciso prevenir os rapazes do que lhes vai acontecer, visto que o período crítico da puberdade os aguarda, e a nenhum rapaz deve ser permitido atingi-lo na ignorância».

O Chefe-Escuta tem aqui vasto campo de bem-fazer. Em primeiro lugar precisa de averiguar se o pai do rapaz põe qualquer objecção a que ele lhe fale do assunto. Também será bom consultar aqueles que conhecem o rapaz — Cura, Médico, Professor — e estar cónscio de que ele próprio precisa de possuir a necessária expe-

riência, saber e carácter para estar em condições de ser de real auxílio ao rapaz.

Depois a melhor maneira de abordar o problema será fazê-lo com a maior naturalidade ao tratar de outros assuntos em que por acaso esteja a aconselhá-lo, pondo-se no lugar dum irmão mais velho ao fazê-lo. Para alguns Chefes, que nunca o experimentaram, o problema parece difficilimo de abordar. É na realidade tão fácil como descascar feijões. E a sua importância é incalculável.

Pessoalmente, além de explicar, a modo de introdução, a forma como as plantas e os peixes e outros animais se reproduzem, verifiquei que impressiona os rapazes, como me impressionou a mim quando primeiro o ouvi, dizer-lhes que em cada rapaz se está a desenvolver o germe de outra criança que provirá dele. Que este germe lhe foi transmitido de pai para filho através das gerações. Foi-lhe confiado por Deus; é seu dever conservá-lo até casar e passá-lo à sua mulher para reprodução. Ele não pode honrosamente esquecer este penhor e entretanto deitá-lo fora. Há-de ser tentado de muitas formas a fazê-lo, mas é sua obrigação resistir e conservá-lo.

Cada rapaz diferente nas diversas idades pode precisar de tratamento diferente nesta questão. O principal é, em primeiro lugar, que o Chefe tenha a plena confiança do rapaz, e seja para ele como um irmão mais velho — situação em que ambos podem falar com perfeita franqueza.

Ao mesmo tempo preciso de acrescentar uma palavra de precaução aos dirigentes novos e inexperientes. A circunstância de estarem mais próximos do rapaz em idade não é necessariamente uma vantagem. Muitas vezes é um inconveniente e por vezes *verdadeiro perigo*. Do que em tempos escrevi sobre este assunto, espalhou-se a impressão de que considero *dever* de todo o Chefe-Escuta esclarecer cada um dos seus Escutas sobre esta matéria. *Nunca foi essa a minha intenção*. Fazê-lo seria transtornar toda a organização do sistema familiar. O que eu de facto pretendo é chamar a atenção dos Chefes para o problema e pedir-lhes que procurem providenciar para que os seus Escutas sejam esclarecidos pela devida pessoa em devido tempo. *A maior parte das vezes a devida pessoa é o Pai, o Cura, o Médico ou outrem — e NÃO o Chefe-Escuta*.

● **Abstenção do Fumo**

Houve alguém que um dia fez uma edição melhorada de *Escutismo para Rapazes*, e nela determinava que «Os Escutas não fumariam em qualquer circunstância». Em geral é arriscado dizer aos rapazes que não façam uma coisa; o facto imediatamente os impele à aventura de fazerem o contrário do que lhes mandam.

Aconselhai-os contra uma coisa, ou tornai-lha desprezível ou insensata e eles evitá-la-ão. Tenho a certeza de que é o que acontece pouco mais ou menos com linguagem obscena, jogos de azar, tabaco e outras faltas juvenis.

É boa norma criar um ambiente são e sentimento colectivo entre os rapazes num plano em que tais coisas se consideram «o que os miúdos fazem, para se darem ares perante os outros».

● **Funambulismo**

A alguns leitores este exercício poderá parecer meio curioso de promover a auto-disciplina ou a saúde. Mas a experiência mostrou que o consegue.

Vê-se praticar nos ginásios militares com homens a caminhar sobre uma prancha assente de cutelo, a uma altura de alguns pés acima do chão. Verifica-se que levando-os a concentrar toda a atenção nesta prova melindrosa, adquirem perfeito domínio de si mesmos e dos seus nervos. A experiência foi levada ainda mais longe a ponto de se ter averiguado que, se um soldado está a prestar más provas na carreira de tiro, alguns exercícios a «caminhar sobre a prancha» lhe restituem prontamente o necessário auto-domínio e poder de concentração.

É exercício que delicia os rapazes. Estes podem atar umas às outras diversas varas de Escuta para servirem de maromba, que lhes facilitará o equilíbrio nas primeiras tentativas.

Como já indiquei, ao carácter interessam também estes exercícios, e é por isso que deploro a tendência moderna de pôr «primeiro a segurança», antes de tudo o mais. É necessário que haja na vida certa porção de risco e certa prática em o enfrentar para

prolongar a mesma vida. Os Escutas precisam de estar preparados para enfrentar dificuldades e perigos na vida. Não queremos por isso educá-los com demasiada moleza.

● **Escutismo de Extensão**

Por meio do Escutismo há inúmeros rapazes coxos, surdos-mudos e cegos que agora gozam de mais saúde, felicidade e esperança do que jamais tiveram. Na sua maioria são incapazes de fazer todas as provas normais do Escuta, e são-lhes facultadas provas especiais ou de alternativa.

Muitos destes rapazes não são nada fáceis de aturar e exigem muito mais paciência e atenção individual do que os rapazes vulgares. Mas o resultado é bem compensador. O testemunho de médicos, enfermeiras-Chefes, enfermeiras e professores — *que na maioria dos casos não pertencem ao Escutismo* — a respeito do bem feito pelo Escutismo, a estes rapazes e, por meio dos rapazes, às Instituições, é esmagador.

A coisa mais admirável em tais rapazes é a sua boa disposição e o seu anseio de realizar no Escutismo tudo quanto lhes é possível. De provas e tratamento especiais não desejam mais do que é absolutamente necessário. O Escutismo auxilia-os associando-os à fraternidade mundial, dando-lhes alguma coisa a fazer e a esperar, facultando-lhes a ocasião de mostrarem a si mesmos e aos outros que são capazes de fazer coisas — e até coisas difíceis — só por si.



O rapaz de iniciativa é o que será escolhido para o emprego.

III TRABALHOS MANUAIS E HABILIDADE

Há hoje, como houve sempre, um tremendo desperdício de material humano. O facto é devido principalmente a preparação deficiente. A massa geral dos rapazes não se ensina a gostar do trabalho. Mesmo quando lhes ensinam trabalhos manuais ou incutem qualidades comerciais, raras vezes lhes mostram como as hão-de aplicar para ganhar a vida, nem se acende neles a chama da ambição. Ainda é frequente pôrem-se sapateiros a tocar rabecão.

Não é possível dizer precisamente onde está o mal, mas é facto que ele existe.

Consequentemente, os rapazes que não têm estes dotes naturais deixam-se andar à deriva e tornam-se inúteis vadios. São a desgraça de si próprios e um peso — nalguns casos até um perigo — para o Estado. E a grande proporção daqueles que alcançam certo êxito conseguiriam sem dúvida maior êxito, se fossem educados de modo mais prático.

No Escutismo podemos contribuir para remediar estes males. Podemos tomar medidas para dar ao mais pobre dos rapazes um

princípio e oportunidade na vida — munido pelo menos de esperança e dum officio.

Como? Naturalmente ocorrem-nos imediatamente as Insígnias de Especialidades. Embora lhes chamemos «Especialidades», atendendo ao nível das nossas provas, elas pouco mais são do que «Passatempos». Isto porém faz parte do nosso método de levar os rapazes a progredir começando por trabalhos pequenos e fáceis; e estes passatempos tornam-se mais especializados na preparação vocacional dos Escutas Seniores. Entretanto os passatempos têm o seu valor; por meio deles o rapaz aprende a servir-se dos dedos e da cabeça, e a sentir prazer no trabalho. Para certo rapaz estes podem continuar a ser passatempos durante anos; para outro podem resultar em officio que lhe proporcionará uma carreira. Em qualquer dos casos não é provável que o rapaz venha mais tarde a dar em vadio. Os passatempos são antídoto contra as artimanhas de Satanás.

Mas os passatempos ou trabalhos manuais não abrirão profundamente uma carreira a um rapaz sem o auxílio de certas qualidades morais. Assim, o artífice precisa de *auto-disciplina*. Precisa de se adaptar às exigências do patrão e dos colegas de trabalho, precisa de se manter sóbrio e eficiente e pronto.

Precisa de *energia*, que depende da soma de ambição, habilidade, iniciativa e saúde que tiver.

Ora como é que aplicamos estas na formação do Escuta?

● Pioneirismo como Primeiro Passo

O primeiro passo para levar o Escuta a entregar-se aos trabalhos manuais dá-se com a maior facilidade no acampamento, pela prática de construção de abrigos, abate de árvores, construção de pontes, improvisação de utensílios de campo, tais como ganchos de painéis, prateleiras, etc., fabrico de tendas, tecelagem de capachos com o tear de campo, etc.. Os rapazes acham que estas tarefas são práticas e úteis para sua comodidade na época de campismo.

Depois de se iniciarem por estas, estarão tanto mais prontos para se dedicarem nas noites de inverno àqueles passatempos que lhes proporcionarão Insígnias em paga da sua capacidade, e dinheiro em troca de trabalho hábil. Dessa maneira depressa se transformam em trabalhadores ardentes e activos.

● Insígnias de Capacidade

As insígnias de capacidade foram criadas com o fim de desenvolver em cada rapaz o gosto por passatempos ou trabalhos manuais, um dos quais pode acabar por lhe abrir uma carreira e evitar que se sinta desamparado e sem esperança ao entrar no mundo.

As insígnias têm apenas em vista servirem de *estímulo* para que o rapaz se dedique a um passatempo ou ocupação e neles faça algum progresso; são o sinal, para o estranho, de que assim fez; *não tem em vista significar que ele é mestre* da arte de que fez prova. Se alguma vez transformarmos o Escutismo num sistema formal de ministrar instrução séria e eficiente, afastamo-nos de toda a finalidade e valor da educação Escutista, e invadimos a missão das escolas sem dispormos dos especialistas preparados para a realizarem.

Nós pretendemos levar TODOS os nossos rapazes ao êxito pelo desenvolvimento alegre e espontâneo e não pela instrução formal imposta.

Mas a finalidade do Sistema de Insígnias no Escutismo é dar também ao Chefe-Escuta um instrumento com o qual ele pode estimular o desejo, por parte de todos e cada um dos rapazes, de se entregarem a passatempos que lhes possam ser úteis para a formação do carácter e para o desenvolvimento da aptidão.

É instrumento que aplicado com compreensão e simpatia — está destinado a incutir esperança e ambição até mesmo nos mais obtusos e atrasados, que seriam aliás rapidamente ultrapassados e perderiam toda a esperança na corrida da vida. É por esta razão que o nível da aptidão se deixa propositadamente indeterminado. O nosso padrão para conquistar a Insígnia não é o atingir certo nível de qualidade, de conhecimentos, ou de aptidão, mas o **ESFORÇO QUE O RAPAZ DESENVOLVEU PARA ADQUIRIR TAIS CONHECIMENTOS OU APTIDÃO**. Este método coloca o caso mais desesperado em pé de possível igualdade com o irmão mais brilhante ou mais dotado.

O Chefe-Escuta compreensivo, que estudou a psicologia dos seus rapazes, pode assim impor ao rapaz uma dificuldade estimulante, que permita ao rapaz obtuso um começo razoável a par do seu irmão mais bem dotado. E ao rapaz atrasado, em quem o

complexo de inferioridade se criou devido a numerosos fracassos, poderá facilitar a primeira vitória, ou até duas, facto que o levará a intensificar os seus esforços. Se for persistente, por muito desastrosado que seja, o examinador pode conceder-lhe a Insígnia, coisa que geralmente estimula o rapaz a continuar as suas tentativas até conseguir outras Insígnias e tornar-se normalmente capaz.

O exame de especialidades não é competição, mas simples prova individual. O Chefe e o examinador precisam, por isso, de trabalhar em estreita harmonia, julgando cada caso individual pelos seus méritos e discriminando onde não de ser generosos e onde exigentes.

Há quem entenda não dever conceder aos seus Escutas uma Insígnia sem que estes atinjam na matéria alto grau de perfeição. Está muito bem em teoria; conseguem-se assim alguns rapazes bastante aptos; mas a nossa finalidade é fazer que *todos* os rapazes se interessem. O Chefe-Escuta que, para começar, põe os rapazes a saltar uma sebe fácil, achá-los-á a saltar com interesse e confiança, ao passo que, se os puser perante um muro de pedra para começar, não se atreverão sequer a tentar o salto.

Ao mesmo tempo, não recomendamos o extremo oposto, isto é, o de quase entregar as Insígnias por conhecimentos insignificantes da matéria. É assunto em que os examinadores devem servir-se do seu bom senso e discrição, sem nunca perder de vista o objectivo principal.

Existe sempre o perigo de a caça às Insígnias se substituir à conquista das mesmas. O nosso fim é transformar os rapazes em cidadãos alegres, sensatos, modestos, laboriosos, e não torná-los pretenciosos e comodistas. O Chefe-Escuta precisa de estar atento para impedir a caça às Insígnias e distinguir entre o caçador e o trabalhador sério e interessado.

Portanto o bom resultado do Sistema de Insígnias depende, em grande parte, do próprio Chefe e da maneira individual de o aplicar.

● Inteligência

A observação e a dedução são as bases de todo o conhecimento. A importância do poder de observação e dedução para o jovem

cidadão não pode, por isso, ser exagerada. As crianças são proverbialmente dotadas de observação pronta, mas esta desvanece-se com os anos, em grande parte porque as primeiras experiências lhes prendem a atenção, coisa que a repetição já não faz.

A observação é, efectivamente, hábito a que o rapaz tem de ser conduzido. O seguimento de pistas é meio interessante para esse fim. A dedução é a arte de, a seguir, considerar os factos observados e deles extrair o significado.

Desde que a observação e a dedução se tornem habituais no rapaz, dá-se um grande passo para o desenvolvimento do seu carácter.

O valor do seguimento e dos jogos de pistas pode assim ver-se imediatamente. Devem pois aconselhar-se, a todos os Grupos Escutistas, o seguimento de pistas ao ar livre e prelecções sobre rastos e seguimento de pistas na sede.

A inteligência geral e a esperteza dos rapazes podem melhorar-se consideravelmente pelo exercício de se orientarem com uma carta, notando pontos de referência, calculando alturas e distâncias, notando e referindo particularidades de pessoas, veículos, bovinos, representando histórias policiais e por meio de muitas outras práticas Escutistas. A sinalagem apura-lhes a inteligência, desenvolve-lhes a vista e instiga-os a estudar e a concentrar o espírito. A instrução de primeiros socorros tem igual valor educativo.

Podem aproveitar-se as noites de inverno e dias de chuva para o Chefe ler as principais notícias dos jornais do dia e explicá-las no mapa etc.. A organização de representações e cortejos ligados à história da localidade é também meio excelente de levar os rapazes a estudar e a expremirem-se sem acanhamento.

● Auto-expressão

A nossa Insígnia de artista destina-se a instigar os rapazes a exprimirem gráficamente as suas ideias segundo a sua própria observação ou imaginação, sem com isso pretenderem ser ou imitar artistas. Estimulando o jovem ao desenho, por tosco que este seja, aquele pode ser levado a reconhecer a beleza da cor e da forma e a descobrir que até no ambiente mais sórdido pode haver luz e sombra, cor e beleza.

O jovem pode atingir a fase seguinte da sua educação praticando a fotografia mental, isto é, notando as particularidades duma cena, incidente ou pessoa, fixando tudo na memória, e depois reproduzindo-o por escrito.

Este exercício aperfeiçoa a observação ao máximo. Descobri pessoalmente por experiência que é possível desenvolver poder considerável neste campo.

O canto e as representações teatrais são excelentes para ensinar os rapazes a exprimirem-se. Também implicam boa colaboração, aprendendo cada um o seu papel e desempenhando-o bem, não para ser aplaudido, mas para contribuir para o êxito de todo o espectáculo.



O ritmo é forma de arte que surge naturalmente até num espírito rude, quer se trate de poesia, de música ou de exercícios físicos. Produz equilíbrio e ordem, que exercem influência natural até, e especialmente, sobre aqueles que estão mais perto da natureza — os selvagens. Em forma de música é, naturalmente, evidéttimo e universal. A Canção de Guerra dos Zulos, quando cantada por quatro ou cinco mil guerreiros, é exemplo de ritmo, pela combinação da música, poesia e movimentos cadenciados.

O prazer de produzir música é comum a toda a família humana. O canto, como fundo para as palavras, facilita a expansão da alma e quando isto se faz com perfeição, dá prazer ao cantor e a quem o ouve.

Pelo seu amor natural à música pode conduzir-se o rapaz à poesia e a emoções mais elevadas, em transição natural e fácil. O facto oferece ao Chefe um meio pronto para ensinar os seus

moços a serem felizes e, ao mesmo tempo, para lhes elevar o nível do pensamento.

As representações teatrais devem também incluir-se na educação de todo o rapaz para este poder revelar a sua personalidade.

Na escola fui instigado a tomar parte em muitas representações e agradeço à minha boa estrela que assim tenha acontecido. Por um lado tive de aprender um ror de coisas de cor; e também me habituei a falar com clareza e sem nervosismo diante de muita gente; e tive a estranha alegria de ser uma outra pessoa durante algum tempo.

O facto levava-nos a conhecer as belezas de Shakespeare e de outros autores, a sentir, enquanto se exprimiam, as emoções de alegria e de tristeza, amor e compreensão.

E mais que tudo, dava-nos o prazer e a felicidade de causar prazer aos outros em ocasiões em que eles o precisavam.

Há muitos Grupos que organizam espectáculos nos meses de inverno e não só conseguem assim um acréscimo razoável para os seus fundos, mas facultam também aos rapazes um bom exercício e prazer aos outros.

● De Passatempo de Amador para a Carreira

Os passatempos, trabalhos manuais, inteligência e saúde são passos preliminares próprios para desenvolver o amor ao trabalho e a capacidade de continuar, que são essenciais para um trabalho eficiente. A segunda fase é a de adaptar o jovem trabalhador ao tipo de trabalho conveniente.

Os melhores trabalhadores, como os viventes mais felizes, consideram o trabalho como uma espécie de jogo: quanto mais enérgicamente jogam, mais prazer isso lhes dá. H. G. Wells disse: «Verifiquei que os chamados grandes homens são no fundo autênticos rapazes, isto é, são rapazes no entusiasmo do prazer que a tarefa lhes dá. Trabalham, porque gostam de trabalhar, e desse modo o trabalho é para eles verdadeiro recreio. O rapaz não revela apenas o adulto, mas é o homem, que não desaparece de modo algum».

Ralph Parlette diz com verdade: «O RECREIO é o gosto de fazer coisas, e o TRABALHO é o ter de as fazer».

No Escutismo procuramos ajudar os rapazes a adquirir esta atitude, entusiasmando-os pessoalmente por ocupações que individualmente os interessem, e mais tarde lhes serão úteis.

Fazemo-lo, antes de mais nada por meio da brincadeira e folgança do Escutismo. Os rapazes podem depois ser levados, por fases progressivas, a desenvolverem-se, natural e inconscientemente, para o futuro.

A PARTE DO CHEFE-ESCUA

E basta quanto aos processos pelos quais um rapaz pode preparar-se praticamente pelo Escutismo para conseguir um modo de vida.

Mas isto apenas o prepara. Está ainda na mão do Chefe prestar-lhe auxílio ulterior para fazer desse modo de vida uma carreira feliz.

Primeiro indicando ao moço modos de completar a instrução rudimentar que recebeu como Escuta; pelos quais, por exemplo, pode transformar os seus passatempos em officios. O Chefe pode indicar-lhe onde poderá obter educação técnica superior, como pode alcançar bolsas de estudo ou de aprendizagem, habilitar-se para certas profissões, colocar as suas economias, requerer empregos, e assim por diante.

Em segundo lugar, conhecendo ele próprio as diferentes espécies de agências de colocação e o modo de se servir delas, as condições de trabalho em várias profissões, o Chefe pode prestar ao rapaz auxílio precioso, aconselhando-o, pelo conhecimento que tem das suas habilitações, quanto à carreira que lhe está mais indicada.

Tudo isto significa que o Chefe-Escuta precisa de andar com os olhos abertos e informar-se bem sobre estes e outros pontos. Sujeitando-se a algum incómodo, pode conseguir que muitos dos seus rapazes alcancem êxito na vida.

É animador para um jovem, mesmo que não seja mais que moço de recados, saber que se ele se desempenhar tão bem dos seus recados, que o patrão entenda que não podia ter arranjado rapaz melhor, está seguramente a caminho da promoção. Mas precisa de ser persistente e não se deixar levar por acessos de antipatia

ou aborrecimento; se se deixar vencer por estes, jamais triunfará. A paciência e a constância alcançam a vitória. «De vagar, de vagarinho, se apanha o macaquinho».

● Emprego

Observando e estudando o carácter e capacidade individual de cada rapaz, o Chefe-Escuta pode, até certo ponto, descobrir o modo de vida que melhor quadra a cada um. Mas precisa também de compreender que é aos pais e ao próprio rapaz que compete resolver o problema do emprego.

E pois caso para consultar os pais e acautelá-los contra a colocação do filho em emprego inadequado, só porque este é logo bem remunerado. Ensine-os, bem como ao próprio rapaz, a olhar para o futuro e a considerar as possibilidades que depois se lhe poderão deparar, contanto que comece por onde deve.

Nesta altura é importante discriminar entre aqueles empregos que garantem o futuro ao rapaz e aqueles que a nada conduzem — os chamados «becos sem saída». Estes, na ocasião rendem muitas vezes bom dinheiro para aumentar o rendimento semanal da família, e, por isso, os pais os aceitam para o rapaz, sem repararem que lhe não abrem depois caminho para uma profissão de adulto.

Entre aqueles que oferecem futuro é preciso escolher prudentemente os que melhor se adaptam à capacidade do mancebo, que pode preparar-se para eles, enquanto é ainda Escuta. Um emprego especializado é positivamente melhor para o futuro do rapaz do que outro que o não é. Mas é preciso ver bem que o estudo deste problema não se deixe para quando o rapaz já não esteja em condições de se adaptar às normas e exigências da carreira ambicionada.



O Escuta é activo fazendo o bem e não passivo sendo bom.

IV SERVIÇO DO PRÓXIMO

Os atributos de que até aqui nos ocupámos como próprios para fazer dos nossos rapazes cidadãos viris, sadios, activos e felizes, são, em grande parte, pessoais e adequados ao bem individual. Chegamos agora ao quarto capítulo da educação Escutista, pela qual, alargando-lhe o horizonte, o rapaz faz bem aos outros.

● Egoísmo

Se me perguntassem qual é no mundo o vício dominante eu diria — o egoísmo. Podeis não concordar à primeira vista, mas se examinardes bem o caso, creio que chegareis à mesma conclusão. A maioria dos crimes, punidos por lei, derivam da obediência ao egoísmo, do desejo de adquirir, de vencer, ou de exercer vingança. O homem da rua de bom grado contribuirá para a alimentação dos pobres e sentir-se-á satisfeito de ter assim cumprido o seu dever, mas não vai limitar a própria alimentação e bom vinho para realizar economias para tal efeito.

O egoísmo existe em milhares de formas diferentes. Vejamos,

por exemplo, a política partidária. Os homens neste caso habituam-se a ver um problema, que, como é óbvio, apresenta dois aspectos, exactamente como se tivesse apenas um, a saber, o seu próprio, e depois passam a odiar aqueles que o encaram de outra maneira. O resultado pode levar os homens a cometer os maiores crimes invocando princípios altissonantes. Do mesmo modo têm estalado guerras entre nações, porque nenhum dos lados consegue ver o ponto de vista do outro, obcecados inteiramente pelos seus próprios interesses. Também as greves e o encerramento das fábricas pelos patrões são frequentemente o resultado do egoísmo excessivo. Em muitos casos os patrões não conseguiram compreender que um trabalhador aplicado deveria, em boa justiça, receber parte dos bens deste mundo em recompensa do seu esforço e não estar condenado a perpétua servidão apenas para garantir certa margem de lucros aos accionistas. Por outro lado, o operário precisa de reconhecer que sem capital não haveria trabalho em grande escala, e não pode haver capital sem que se dê alguma compensação aos subscriptores pelos riscos a que se sujeitam no investimento.

Na imprensa diária vêem-se todos os dias exemplos de egoísmo, quando lemos as cartas destes homens tacanhos que, perante qualquer pequeno agravo, correm logo a «escrever para os jornais».

E assim por diante até às próprias crianças que andam a jogar nas ruas; logo que uma se aborrece de não ganhar também larga abruptamente o jogo e diz abespinhada: «Não jogo mais!» O facto de prejudicar o divertimento dos outros não lhe interessa — a não ser que lhe satisfaça o rancor.

● Para eliminar o Egoísmo — A Prática da Boa Acção

As actividades Escutistas têm em vista desviar, de forma prática, o rapaz dos trilhos do egoísmo. Logo que se torne caritativo, está no caminho de vencer ou eliminar o perigo desse hábito.

A Promessa que o Escuta faz ao entrar para a associação tem como primeiro ponto: «Cumprir os meus deveres para com Deus». Note-se que não diz «Ser leal a Deus», visto que isto não passaria dum estado de espírito, mas *fazer* alguma coisa, que é atitude activa, positiva.

O método principal do Escutismo é ministrar certa forma de educação positiva mais do que inculcar meramente preceitos negativos, visto que o rapaz está sempre mais pronto para *fazer*, do que para *digerir*. Por isso incluímos nas suas actividades a prática das boas acções na vida diária como base de futura boa vontade e auxílio aos outros. A base religiosa em que isto assenta é comum a todas as crenças, e por isso não contrariamos nenhuma delas.



O Escutismo é uma Fraternidade — organismo que, na prática, não olha a diferenças de classe, crença, pais e cor, por meio do espirito indefinível que o anima — o espirito do cavaleiro de Deus.

O rapaz pode então compreender melhor que parte dos seus deveres para com Deus está em guardar e desenvolver, como depósito sagrado, aqueles talentos de que Deus o dotou para a sua passagem por esta vida; o corpo com a saúde e vigor e faculdade de reprodução, para serem empregados no serviço de Deus; o intelecto com o seu raciocínio, memória e discernimento admiráveis que o colocam acima do mundo animal; e a alma, essa parcela de Deus que traz dentro de si — ou seja, o Amor, que se pode desenvolver e fortalecer por contínua aplicação e prática. Ensinamos-lhe assim que o cumprimento dos Deveres para com Deus implica, não só a confiança na Sua bondade, mas também a execução da Sua vontade pela prática do amor para com os nossos semelhantes.

É curioso que este dever de Servir os Outros por meio de Boas Acções é aquele a que os Escutas correspondem com maior prontidão. Sobre esta base aparentemente pequena (a renúncia a

pequenas comodidades ou prazeres pessoais em benefício dos outros) assenta o espírito de abnegação pelo próximo.

As pequenas Boas Acções, que fazem parte da crença do Escuta, são em si mesmas o primeiro passo. O estudo da natureza e o estabelecimento de boas relações com os animais aumentam-lhe o sentimento de benevolência e anulam os vestígios de crueldade que se dizem inerentes a todo o rapaz (embora, pessoalmente, eu não tenha a certeza de que o facto seja tão geral como se crê). Partindo destas pequeninas boas acções, ele passa a aprender a prestar primeiros socorros e a auxiliar os sinistrados, e como sequência natural do aprender a salvar vidas em caso de desastres, desperta nele o sentimento do dever para com os outros e a prontidão para se sacrificar em caso de perigo. Daqui se segue também a ideia do sacrifício pelos outros, pela família e pela Pátria, que conduzem ao patriotismo e à lealdade de tipo superior à de mero agitar extático de bandeiras.

● Serviço da Comunidade

Ensinar a servir não é apenas questão de ensino teórico, mas o desenvolvimento de duas fases distintas — o incutir o espírito de boa vontade; e o proporcionar oportunidades para a sua aplicação prática.

O ensino faz-se principalmente pelo exemplo, e o Chefe-Escuta dá precisamente a orientação devida com a sua própria dedicação patriótica ao serviço do rapaz, apenas pelo prazer de o prestar, e sem qualquer ideia de recompensa material.

Oportunidades para a prática proporciona-as o Chefe sugerindo aos rapazes projectos de serviços especiais.

Os serviços públicos oferecem o melhor meio para iniciar o ensino prático do sentimento do dever para com a comunidade, do patriotismo e da abnegação por meio de realizações.

Os serviços dos Escutas, tanto na paz como na guerra, ao incumbirem-se voluntariamente de tarefas árduas, em benefício do seu país, são por si a prova manifesta do interesse dos rapazes em cumprir bem, e da sua prontidão para alcançarem a devida des-

treza em vista duma finalidade útil. Temos aqui um meio valioso para desenvolver, de modo prático, o ideal de civismo.

Como exemplo específico de serviço público poderíamos referir o Serviço Escutista de Sinistros e Incêndios (Serviço de Emergência) nas cidades e aldeias. Este serviço é especialmente apropriado para os Escutas Seniores e exerce grande atracção sobre o rapaz mais crescido, proporcionando-lhe serviços públicos para se exercitar e prestar.

O Grupo organiza-se, equipa-se e instrui-se primariamente para combater incêndios, mas com a faculdade adicional de tratar de toda a espécie de sinistros possíveis na vizinhança, tais como: Desastres na via pública; explosões de gás, químicas e outras; cheias ou inundações; sinistros eléctricos; desastres de caminho de ferro; árvores ou edificios abatidos; desastres sobre o gelo; desastres marítimos de banhistas ou remadores; quedas de aviões; etc.

Isto requereria, além dos exercícios de conjunto, salvamentos e primeiros socorros próprios do serviço de incêndios, conhecimento e prática dos métodos de desembarçar, salvar e prestar os devidos primeiros socorros em cada tipo de trabalho; tais como: Conhecimento de gases e produtos químicos; manejo de barcos, improvisação de jangadas, utilização de um cabo de salvação e de bóias de salvamento, salvamentos na água, respiração artificial; modo de lidar com animais assustados, com fios eléctricos em tensão, líquidos em combustão; etc.

Nalguns casos poderá ser preferível que cada Patrulha se especialize em determinado tipo de desastre, mas em geral, se as Patrulhas se exercitarem todas à vez, acabarão por atingir plena eficácia para todo o Grupo.

A organização para o caso de sinistro deveria, porém, atribuir funções específicas a cada Patrulha; por exemplo, uma Patrulha de salvamentos, de socorristas, de afastamento de espectadores, de mensageiros, etc.

A variedade do serviço a prestar envolve uma série daquelas actividades que fazem as delícias dos rapazes.

Para se conseguir eficiência e rigor são essenciais frequentes mobilizações para prática em sinistros simulados.

A medida que a eficiência se torna evidente despertar-se-á o interesse do público, talvez com vantagem. Reconhecer-se-á então que o plano tem um valor duplo, educação para os rapazes e benefício para a comunidade.

● Efeito Final

A repressão do egoísmo e a expansão daquele amor e serviço do próximo que revela Deus dentro de nós, produzem, em cada um, total mudança de sentimento e com esta o vislumbre do verdadeiro Céu. Faz de cada indivíduo um ser diferente.

O problema que agora se lhe põe não é «Que posso eu alcançar?», mas «Que posso eu dar na vida?»

Seja qual for afinal a forma da sua religião, o moço terá compreendido por si as suas bases essenciais, e, conhecendo-as pela prática, torna-se cidadão de vistas largas, cheio de bondade e simpatia para com os homens seus irmãos.



Com carácter e um sorriso, o rapaz vencerá os males que se lhe deparem no caminho.

RESUMINDO

Toda a finalidade do Escutismo é pegar no carácter do rapaz na fase de entusiasmo em brasa, moldá-lo devidamente e promover e desenvolver a sua individualidade — de modo que o rapaz se eduque a si mesmo para se tornar homem recto e cidadão prestável para a Pátria.

Procedendo assim poderemos ter a esperança de vir a contribuir útilmente para o vigor, tanto moral como físico, da Nação.

Mas, ao fomentar as aspirações nacionais, corre-se sempre o risco de nos tornarmos tacanhos de espírito e invejosos das outras nações. Se o não evitarmos, criaremos o próprio mal a que ansiosamente queremos fugir.

Felizmente no Escutismo temos organizações de Irmãos Escutas em quase todos os países civilizados do mundo e formamos já o núcleo tangível duma Fraternidade Mundial. E as possibilidades desta estão a ser aumentadas pelo desenvolvimento crescente da obra irmã colaborante, as Guias (Escuteiras).

Em todos os países o objectivo da formação escutista é idêntico, a saber, capacidade para prestar Serviço aos outros; e com este objectivo em comum, podemos, como Fraternidade Internacional de Serviço, seguir para a frente e realizar obra de grande alcance.

Na educação que ministramos ao rapaz desenvolvemos o indivíduo, tanto em espírito como em capacidade, para que seja jogador eficiente na sua equipa nacional de civismo. Actuando segundo o mesmo princípio, tratando-se de uma nação, devemos tentar desenvolver o devido espírito e capacidade para ajudar essa nação a colaborar eficazmente na equipa das nações.

Se cada uma delas jogar então no seu lugar, e «jogar bem», haverá maior prosperidade e felicidade em todo o mundo, criar-se-á por fim aquele estado que há tanto tempo se procura — de

Paz e Boa Vontade entre os Homens.

F I M

I N D I C E

Preâmbulo	7
Introdução à Edição da Fraternidade Mundial	9
PARTE I—MODO DE EDUCAR O RAPAZ	13
O CHEFE-ESCUA	15
Qualidades	15
Função	17
Fidelidade ao Escutismo	17
Recompensa	18
O RAPAZ	21
Sua natureza	21
Ambiente e Tentações	25
Sede do Grupo e Acampamento	27
Modo de conquistar os Rapazes	28
O ESCUTISMO	31
O Escutismo é simples	32
Finalidade do Escutismo	33
Os Quatro Ramos da Formação Escutista	33
Actividades Escutistas	34
O Espírito Escutista	37
O Sistema de Patrulhas	40
Conselho de Guias—Tribunal de Honra... ..	41
Valores do Sistema de Patrulhas	42
O Uniforme Escutista	42
O Papel do Chefe-Escuta	43
PARTE II—PELO ESCUTISMO PARA A CIDADANIA	45
1. CARACTER	47
Importância do Carácter	47
Razão por que um grupo não deve exceder 32	48

Cavalheirismo e Jogo Leal	49
Disciplina	51
Sentido da Honra	52
Confiança em si próprio	53
O Prazer de Viver	55
Alarga-se o Horizonte: A Piedade	58
Sentido da Dignidade	62
Lealdade	63
2. SAÚDE E FORÇA	65
Importância da Saúde	65
Conservai-vos em Boa Forma	66
Jogos Organizados	67
Exercícios Físicos	68
Exercícios de Conjunto	70
O Ar Livre	72
Campismo	73
Natação, Remo, Sinalização	76
Higiene Pessoal	76
Limpeza	76
Alimentação	77
Temperança	77
Continência	77
Abstenção do Fumo	80
Funambulismo	80
Escutismo de Extensão	81
3. TRABALHOS MANUAIS E HABILIDADE	83
Trabalhos Manuais e Passatempos	83
Pioneirismo como Primeiro Passo	84
Insignias de Capacidade	85
Inteligência	86
Auto-expressão	87
Do passatempo de amador para a carreira	89
Parte do Chefe-Escuta	90
Emprego	91
4. SERVIÇO DO PRÓXIMO	93
Egoísmo	93
Para Eliminar o Egoísmo	94
A Prática da Boa Acção	94
Serviço da Comunidade	96
Efeito Final	98
RESUMINDO	99

Composto e impresso na
 Tip. Colégio dos Órfãos
 — P O R T O —